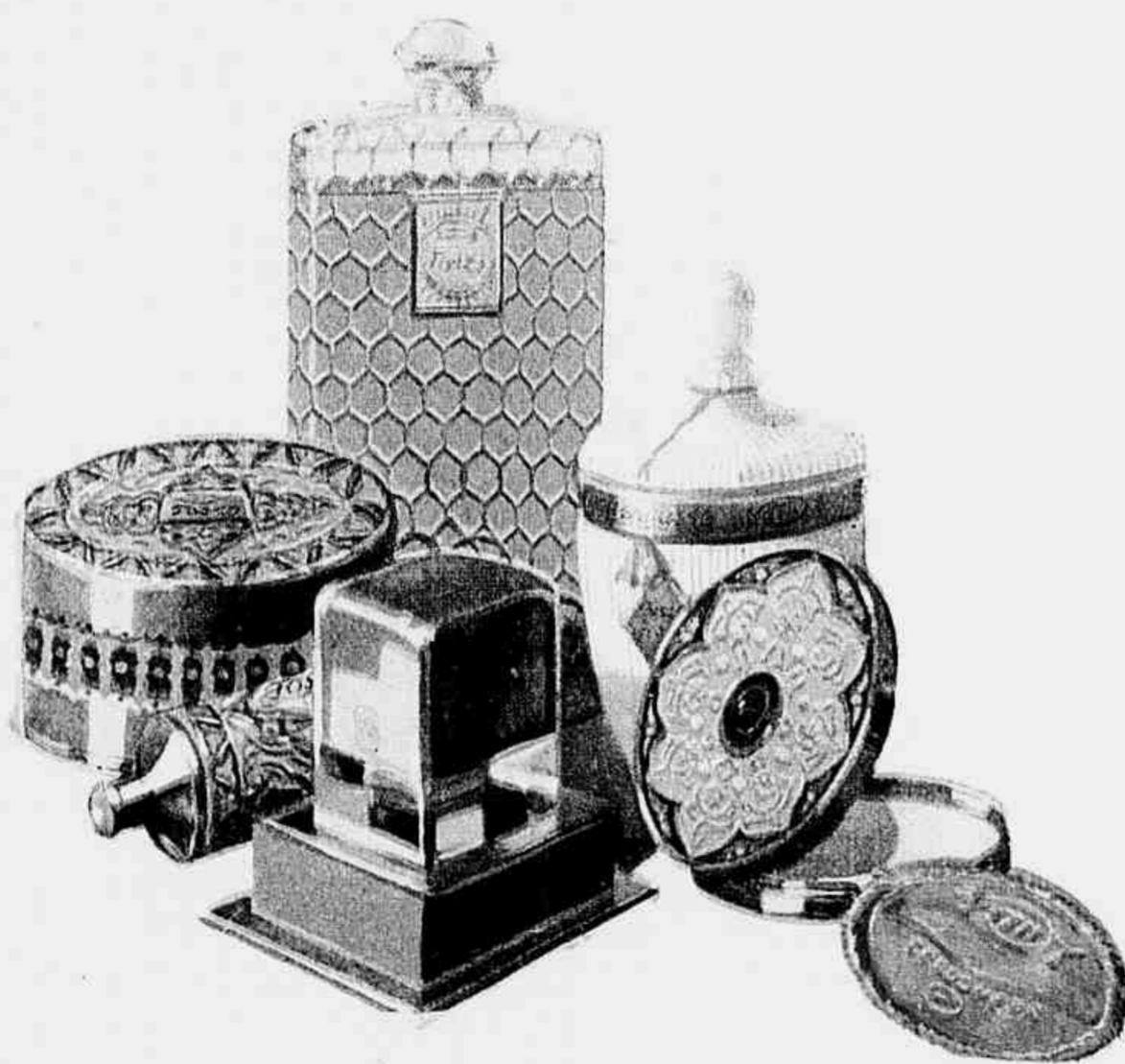
Revista da Semana

Anno XXXII --- N. 10 --- Preço 1$200 --- 21 de Fevereiro de 1931

Imperio allucinante de Momo!!

Pelas salas fascinantes de luz, retumbantes de mil loucuras, ao som da orchestra, esquecido da realidade, rodopia aos bandos o mundo das mascaras.

Aromas evoluem no ambiente, acariciando as faces, inebriando sentidos:

"Tosca N.º 4711"..

os productos da grande moda, caracteristicos no seu perfume todo particular, inimitaveis no seu preparo, os predilectos do mundo elegante.

DESENHO REGISTRADO

1459 af

N.º 4711. Tosca

Visitem a linda exposição dos productos "4711" na **Casa Cirio** -- Rua do Ouvidor, 183

Este numero consta de 40 paginas

ANNO XXXII	Rio de Janeiro, 21 de Fevereiro de 1931	NUMERO 10

Momo é o ultimo dos deuses do paganismo. Perdido na encruzilhada de duas civilizações, deixou-se ficar á margem da estrada longa do Tempo, carregado de guizos como um hystrião, picado de desejos como um fauno... E a sua gargalhada bruta de heroe de Homero faz estremecer, ás vezes, os vidros santos das cathedraes...

Deus dos loucos, Momo tambem é, por coherencia, deus dos que riem... Rir é uma fórma violenta de ser triste. O homem é o unico animal que ri. Exactamente porque é o unico animal que pensa...

As grandes loucuras começam, muitas vezes, por uma gargalhada subita... E' o ultimo esforço da intelligencia para comprehender o que não é comprehensivel. Todos os homens que fizeram a humanidade rir foram grandes pensadores: Erasmo, Voltaire, Mark Twain... Um homem que ri é um doido em perspectiva...

O Carnaval é a valvula de segurança do instincto. Passamos a maior parte do anno fazendo o que não queremos, ou deixando de fazer o que queremos — o que é peor... Então durante os tres dias de Momo fingimos que somos loucos — e a nossa loucura se aquieta...

A obrigação de ter juizo pesa-nos sobre o cerebro como um capacete de chumbo. O habito de ter juizo faz-nos, a todos, eguaes, terrivelmente eguaes... Por isso é que um maluco que passa pela rua fazendo grandes gestos nos causa tanta alegria. Ha tanto tempo que não viamos um maluco á vontade!

O riso é uma flôr que murcha tristemente, através dos seculos. A' proporção que a Cruz florescia, elle murchava... O riso é uma convulsão pagã das visceras e dos musculos. Faz bem á digestão, mas faz mal á alma. Rezar é ligar o Homem transitorio ao Deus eterno — e a Eternidade é seria... O espectaculo de um mundo cheio de miserias e de lagrimas é mais para chorar do que para rir...

Ser triste é uma infinita volupia da alma. E' um acto de renuncia a todos os miseraveis bens da Terra e dos homens. Quasi todos os santos fôram tristes. Alguns, mesmo, nunca sorriram...

Toda a alma que se debruça sobre si mesma perde, para sempre, a vontade de rir. As creanças riem porque ainda não pensam... O riso infantil é um penhor de innocencia. Nos adultos, o riso—ou é um accesso de loucura, ou uma reacção de tristeza, ou uma flor de maldade...

O riso dos foliões pertence á segunda categoria: é uma reacção da tristeza. Para muitos, é um anno inteiro de miserias, de privações, de esperanças avaramente conservadas e defendidas... Para outros, é um sonho de amôr que passa e engana tanto como os outros sonhos... Por isso é que o riso da multidão tem qualquer cousa de infinitamente tragico, e máu...

E' um recurso extremo, o riso... Quando nos insultam muito, ficamos mudos e temos um riso tremulo — que pode acabar num crime... E quem nos insulta mais frequentemente do que a Vida?...

O habito de ser triste é tão profundamente humano que nos impoz a mascara e as fantasias do Carnaval. Temos o pudor da alegria como temos o pudor da felicidade. E' tão raro ser alegre! E' tão difficil ser feliz!

Afinal, ser louco é uma fórma efficaz de ser feliz. O bom senso, com o seu immenso horror ao ridiculo, é um grande entrave á ventura humana. Abençoados sejam os que conseguem vencer o bom senso!

Momo, irmão de Baccho e inimigo pessoal de Minerva, tem os seus dias contados na historia do mundo. Tambem ha deuses moribundos... como os homens. A' medida que o homem aprende a conhecer o Universo vai conhecendo a inutilidade profunda de existir. A Vida é uma chamma exposta ao vento — diz um proverbio japonez. E todo o brilho e esplendor dessa chamma não bastam a encher um segundo da Eternidade que nos envolve, e nos esmaga...

No fim ha uma pouca de cinza fria... O charuto e o homem acabam no mesmo pó sem nome... Depois de um seculo, já se não distinguem os restos de Victor Hugo e os restos de uma couve...

O riso é uma affirmação sonora da Vida. Os sons passam, como passam os astros, mas o Universo não é mais do que essa agitação inconsciente de homens, de deuses e de couves...

Ossos do officio

Conto de Germaine Beaumont

ANATOLIO BIS descia com mil cautelas a escada do edificio cujo terceiro andar acabava de saquear detalhada e conscienciosamente.

Descia com tanto mais cuidado quanto era certo carregar comsigo varios objectos frageis, entre os quaes um soberbo relogio de commoda, puro Saxe, embrulhado num magnifico chale da India; um gramophone de luxo, acompanhado dalguns discos escolhidos com o melhor gosto, e uma soberba boneca inquebravel. O objecto mais fragil era talvez este ultimo. Pelo menos, no entender de quem o transportava. E' que Anatolio Bis, gatuno de profissão, nem por isso deixava de ser um excellente pae de familia.

Escolhia sempre, para campo das suas proezas, as casas onde soubesse ou suppozesse que havia brinquedos de creança. Graças a esse continuo cuidado, sempre a filhinha de Anatolio, a encantadora Alicinha, lucrava com as expedições paternas. E era nella que Anatolio agora pensava, descendo, em bicos de pés, aquella escadaria interminavel. O que Alicinha faria, ao ver-se de posse da boneca maravilhosa que abria e fechava os olhos e dizia *papá* e *mamã*, desde que lhe premissem discretamente certas molas disfarçadas na opulencia do vestido! Os gritos de jubilo que ella ia soltar, a adorada Alicinha!

Anatolio, porém, é que quasi deixou escapar um grito, e nada jubiloso, ao ouvir um rumor de gente subindo a escada. Como assim? Eram quatro horas da manhã e os moradores não estavam todos na cama? Assim, não era possivel trabalhar! Pensou em subir de novo, até ao andar saqueado, mas receou alarmar os inquilinos. Era mais prudente continuar a descer, com a possivel naturalidade e sangue frio. Se aquella gente viesse dalguma grossa pandega — e o adiantado da hora perfeitamente justificava tal hypothese — não teria de certo o discernimento necessario para estranhar tal encontro... E assim Anatolio, apezar dos embrulhos que sobraçava, passaria despercebido, tanto mais que para isso o ajudaria a discreta distincção de toda a sua pessôa. Naquella noite, porém, Anatolio não estava de sorte. No momento em que ia descer do patamar do segundo andar no qual se detivera, para reflectir, as pessôas que subiam, tagarelando a meia voz, surgiram diante delle. E eis que o respeitavel cavalheiro que vinha na dianteira solta esta festiva, exultante exclamação:

— Yvonne! E' elle! E' o Laercio!

— Oh, Laercio! gritou outra voz, sem duvida a de Yvonne — Até que emfim!

Já o cavalheiro respeitavel apertava Anatolio nos braços e violentamente o sacudia em risco de pulverizar o relogio de Saxe.

Desses braços passou Anatolio para os duma senhora madura, depois para os dum rapazola, por fim para os duma espigada, esgalgada donzella... Não sabia positivamente que partido tomar. Parecia-lhe, porém, que o melhor seria concordar, deixar correr o marfim.

— A commoção embarga-lhe a voz...

opinou a dama. — E como está differente, este querido Laercio! Tambem, não admira. Ha tanto tempo que não nos vemos!

— Yvonne, estamos fazendo muito barulho. Olha os vizinhos de cima!

— Não faz mal, papae .. acudiu a donzella. — Estão para fóra ha tres dias.

Isso sabia o nosso Anatolio. Não era, porém, a elle que competia dizel-o... Deixou-se pois passivamente abraçar, beijar e por fim arrastar pelos quatro desconhecidos para um apartamento em tudo semelhante ao que elle acabava de visitar.

— Mas onde estarei eu, Senhor, onde estarei eu? pensava Anatolio, dirigindo-se ao Altissimo com um fervor que só as circumstancias do momento determinavam. Foi a dama que lhe respondeu, pondo-lhe uma carta diante do nariz.

— O que eu não sei é como chegaste hoje, Laercio! Aqui está a carta que nos escreveste e que recebemos á tarde: "Seguirei pelo nocturno de Cherbourg. Levo-lhes varias surprezas etc. etc. Seu sobrinho etc. etc."

— E' que... balbuciou Anatolio. — Havia um trem antes desse e...

— E aqui estão as surprezas, mamãe! annunciou a joven magricela. — A senhora que tanto desejava um chale da India para cobrir o divan... Dá licença, primo?

E arrancou o chale das mãos de Anatolio, descobrindo o relogio de commoda.

— Papae, uma pendula antiga! O senhor, que faz collecção...

— Mas, Laercio, como é que adivinhaste?...

— Um palpite... explicou Anatolio, a quem o tio — pois que evidentemente o cavalheiro respeitavel era seu tio — arrebatava o relogio com precauções de verdadeiro conhecedor.

— Esse idiota do andar de cima tem uma pendula do mesmo genero mas que está longe de se egualar a esta... Sempre quero ver a cara que elle faz quando eu lh'a mostrar!

— E Laercio trouxe tambem um gramophone!

— Para o mano ou para mim?

— Para... para ambos! respondeu Anatolio

Assim despojado pela familia que o acaso lhe improvisara, pensando com horror no que aconteceria se o verdadeiro Laercio apparecesse dum momento para o outro, consolava-se com a ideia de que, ao menos, a boneca de Alicinha permanecia em seu poder. E, embalando-a contrafeito, procurava uma explicação para a presença daquelle objecto nos seus braços, quando a tia, num arrebatamento, bradou:

— E não é que até da pequenina se lembrou este querido Laercio! Estella, vae ver se a maninha está acordada! Laercio, és mais que um sobrinho. E's um filho!

Um grito agudo, num quarto vizinho, advertiu-os de que a pequenina não só estava acordada, como resolvera vir tomar parte naquellas efusões familiares. E assim Anatolio, desesperado, teve que entregar a uma pirralha extranha a maravilha inquebravel que destinara á sua Alicinha!

Quando os algozes viram que nada mais lhe podiam arrancar, offereceram-lhe uma "bucha" que elle foi obrigado a engulir e deitaram n'o quasi á força no quarto de hospedes, onde a tia em pessoa lhe foi aconchegar a roupa...

— Até amanhã, meu filho. Que impressão tiveste da Estella?

Anatolio teve que empregar um esforço sobrehumano para deixar de berrar que não haveria donzella no mundo que o obrigasse a incorrer no delicto de bigamia...

No dia seguinte, porém, tendo-se escapado em pontas de pés, arranjou meio de vingar a filhinha esbulhada. Enviou ao commissario de policia do bairro uma carta pneumatica concebida nestes termos:

"Se o senhor deseja saber quem saqueou o apartamento do 3.° andar da rua Jean-de-Nivelle, queira dar busca no apartamento do 2.° andar."

E foi comprar uma boneca para a adorada Alicinha.

Elegancia Masculina

Londres, Fevereiro de 1931.

Para casamentos e certas solemnidades formaes de tarde não ha traje como o fraque. E' tudo quanto pode haver de mais correcto, de mais sobrio e de mais elegante. E' verdade que, nestes ultimos tempos, se tem feito uma reacção a esse traje, no sentido de circumscrevel-o a numero muito limitado de ceremonias, como por exemplo casamentos e certos compromissos diplomaticos.

A gravura que damos á esquerda representa um dos melhores figurinos desta capital. O fraque propriamente dito é feito de tecido preto de casemira, em tom "black-diamond", — apresentando um debrum que lhe proporciona uma singular impressão de formalismo. O collete deste modelo é simples, sendo que os botões são de fantasia, muito discreta, em tom cinza. O fraque é afeiçoado ao corpo, apertado á frente, de maneira a revelar, em toda a sua elegancia, a linha curva que começa na golla e vae até á extremidade da ponta dessa peça.

As calças são listadas, em tom cinzento escuro, em bella e sobria fantasia, como se costuma usar nesta capital.

E' muito commum verem-se pessôas usando erradamente collarinhos. Ha cavalheiros de pescoço curto que usam collarinhos altos, e outros existem, de pescoço alto, que usam collarinhos baixissimos. O effeito de tudo isso só pode ser o mais deploravel possivel.

A vinheta que damos abaixo, representa, de perfil, um cavalheiro que

tem pescoço relativamente curto. No emtanto, quão bem lhe assenta o collarinho. E porque? Simplesmente porque usa um modelo que não é nem alto nem baixo, atirando, naturalmente, mais ao collarinho baixo. Esse modelo lhe fica muito bem.

Esta pequena advertencia aqui fica dedicada áquelles que usam de maneira pouco correcta collarinhos baixos em vez de altos, ou altos em vez de baixos.

Peter Greig.

Em Paola — Cozenza (Italia) — Vendedores de jornaes dos seguintes pontos: 1 — Ercole Caruso, Juiz de Fora; 2 — Antonio Caruso, Nictheroy; 3 — Antonio Scalzo, Tijuca; 4 — Antonio Dottino, Ponta do Cajú; 5 — Francesco Calabria, Juiz de Fora; 6 — Ercole Calabria, Tijuca; 7 — Giovanni Lo Gullo, Ramal de Santa Cruz; 8 — Raffaele Romano, Linha Auxiliar; 9 — Giuseppe Maddalena, Ponta do Cajú; 10 — Santo Caruso, Juiz de Fora — festejam a victoria revolucionaria do Brasil.

Senhorinha Lindinalva Teixeira Lima, "Miss Villa S. Francisco" (Bahia), de 1930.

A astucia d'um poeta

A proposito duma recente commemoração litteraria em Nuremberg, recordou um jornal esta velha historieta:

Vivia na cidade um poeta que, voltando uma noite de viagem muito tarde, encontrou fechada a porta da cidade. Pfinzing, assim se chamava o poeta, bateu e supplicou longamente sem que o vigia condescendesse em o deixar entrar. Porfim, o poeta prometteu ao homem meio ducado que era todo o dinheiro que trazia comsigo. O vigia exigiu-lhe previamente a moeda, enfiou-a no bolso e deixou passar o poeta.

Mas o pobre rimador vinha cheio de cansaço e de fome. Como se arranjaria assim, alta noite, sem dinheiro nenhum? Teve uma idéa. Depois de dar alguns passos, parou, fingiu que lhe faltava qualquer coisa e retrocedeu para dizer ao vigia que perdera do outro lado da porta um livro preciosissimo. Tentado pela promessa de nova gratificação o vigia sahiu á procura do volume. Apenas, porém, o apanhou do lado de lá, o poeta fechou a porta e exigiu, para a tornar a abrir, a devolução do seu meio ducado. Debalde o vigia protestou, implorou, ameaçou... Não teve remedio senão passar a moeda por baixo da porta. O poeta embolsou-a, abriu a porta... e abalou sem se despedir.

Os vendedores ambulantes da Biblia

Como se sabe, a Biblia é o livro que mais edições tem tido e foi até agora traduzido em maior numero de idiomas. Vêm agora numa revista interessantes pormenores sobre a vida dos vendedores ambulantes, homens e mulheres, que levam as Sagradas Escripturas, ás vezes com risco da propria vida, ás mais remotas e inhospitas regiões do mundo.

Um dos heróes citados nesse estudo é o vendedor Chang Hwei, de Tsin-Tsin, que em tempo fez parte duma quadrilha de bandidos. Tres vezes elle foi já apanhado pelos antigos companheiros e outras tantas vezes, milagrosamente por assim dizer, escapou á morte.

No Orissa, nas Indias, um vendedor ambulante indigena vae de aldeia em aldeia, pelos carreiros abertos nas mattas e sob a constante ameaça dum tigre real que o anno passado fez cincoenta e cinco victimas humanas e desde o começo da sua "carreira" devorou, que se contassem, trezentas e sessenta pessoas.

Actualmente, está a Russia fechada aos vendedores da Biblia. Nem por isso esta deixa de ser o livro mais comprado no mundo inteiro. Durante o anno de 1929, foram publicados 12.175.292 volumes, ou sejam mais 750.000 que em 1928.

Senhorinha Marylandes Pinto, da cidade de Raul Soares (Estado de Minas).

Os unicos amigos verdadeiros são aquelles que se adquire por qualidades solidas os outros são convivas; ou companheiros, ou cumplices.

J. B. SAY.

SEMPRE fôra "o coveiro". Nascera num pequeno casebre junto do cemiterio onde seu pae era guarda, e os vizinhos alcunharam-no immediatamente. Franzino e feioso, viam-no sempre perto das covas a espreitar, a correr de um lado para outro desde que se approximava um enterro. Era sempre dos primeiros a apparecerem na igreja, quando se annunciava a chegada de um corpo. Punha-se nos bicos dos pés, com os olhos muito abertos e a respiração offegante á espera da abertura do caixão. Quando era uma mulher bonita, o garoto sentia qualquer coisa de inexplicavel passar-lhe na vista e tinha pena de que essa grande caixa de madeira fosse para debaixo da terra, levando uma boneca tão formosa.

Depois, viam-no andar curvado a arrancar as ervas que brotavam sobre a cova e algumas vezes foi apanhado a roubar flores para cobrir o coval preferido. Arranjou, assim, algumas protegidas a que poz nomes differentes. Quando o pae não o via, era sabido: lá estava perto de uma ou outra cova, tratando de alisar a terra, com carinhos de amante. Instinctivamente, o garoto tinha cuidados de apaixonado. Se o sol era intenso, pensava com alegria: hoje estão quentinhas e devem ser felizes com toda esta luz bonita.

Quando a chuva punha poças nos caminhos tristes, sentia tambem uma tristeza vaga no seu pequenino coração e dizia lá comsigo: meu Deus! como ellas devem sentir frio! Cresceu assim. Da vida nada conhecia a não ser os ritos habituaes de que se rodeia a morte. Os outros garotos não o procuravam porque tinham medo delle. A morte assusta sempre as mulheres e as creanças. E o rapaz fez-se homem, sempre conhecido pelo coveiro. O pae nada lhe ensinou, vencido pelo habito de o ver constantemente na cidade dos mortos. E o coveiro ficou.

Uma manhã, a sineta do cemiterio annunciou a chegada de mais um corpo. O coveiro correu para lá. Na igreja, viu que era uma mulher de edade. Os seus olhos ao afastarem-se do caixão ficaram presos noutros olhos, embaciados de lagrimas. E, desde então, o coveiro abandonou todas as suas mortas bonitas para só tratar da cova daquella morta feia. As flores brotaram frescas e abundantes dessa terra ha pouco revolvida. E, sempre que a dona dos olhos lacrimosos chegava, via o coveiro feioso perto

do tumulo como uma sentinella vigilante. Uma tarde, chamou-o para perguntar: quem é que cuida desta cova? O coveiro baixou a cabeça envergonhado: sou eu, menina. Ella teve qualquer pergunta na bôca que não chegou a formular. Depois, tirou da bolsa qualquer coisa que poz na mão do rapaz, dizendo: isto é para você; continúe tratando assim da cova da mamã. E, dahi em deante, as flôres eram aos molhos porque todo o dinheiro era pouco para florir o tumulo da mãe da sua amada.

O coveiro dia a dia tornava-se mais triste. Na rua, já diziam: que é isso, coveiro, estás apaixonado? A quando a boda? Não esqueças o arroz doce! O coveiro encolhia os hombros: que sabiam da sua alma e do seu segredo? Sabia elle bem se estava apaixonado! O que elle sabia de certeza é que cada vez era mais infeliz, isso sim. Emquanto a sua desconhecida espaçava as visitas ao cemiterio, elle demorava-se todo o tempo perto da cova. Pouco a pouco tornava-se maniaco, falava com a morta e chorava como uma creança. Ella abandonou-nos, mãezinha! Já não se lembra de nós, mãezinha! Que será de mim, mãezinha!

Mezes passaram sem que o coveiro visse a musa do seu coração.

Senhorinha Celia G. Demutti, soberana do *Bloco C. X.* Dom Pedrito (R. G. do Sul).

Evasão audaciosa

Dois individuos perigosissimos conseguiram evadir-se da Penitenciaria de Hamburgo.

Tendo vestido o uniforme dos guardas do estabelecimento os meliantes desceram aos escriptorios da administração, apossaram-se de diversos objectos e duma caixinha com algumas centenas de marcos e fugiram.

Os dois verdadeiros guardas foram encontrados nús e amarrados.

Ao que os reporters conseguiram apurar, os dois criminosos obtiveram para a fuga a cumplicidade duma moça aparentada com um dos carcereiros e autorizada por isso a andar pelo interior do carcere. Cumplice ou não, a verdade é que a moça em questão egualmente desappareceu.

Um carioca na Granja Esperança, em Pelotas (R. G. do Sul).

Cada vez mais magro, mais feioso, continuava a tratar carinhosamente do tumulo e a cobril-o de flores. Já não chorava porque guardava as lagrimas no coração.

Voltou a proteger os covaes das suas antigas amigas, a floril-os e a

enternecer-se com o frio ou o calor que as pobrezinhas deviam sentir. O abandono em que se via creou-lhe ternuras e generosidades novas na alma. Ia sempre ver as mortas que chegavam mas, unicamente, por um habito antigo. Passaram, assim, dois annos. Uma tarde, chovia a cantaros. A sineta tocou apressadamente, como ansiosa de terminar uma tarefa massadora. O coveiro foi á igreja. A tampa do caixão levantou-se, com um ruido ôco.

Um grito ia escapando da bôca do coveiro. A sua amada! Deus a mandava para elle, para contentamento da sua saudade. Que importava que estivesse sem vida?

Agora, sim! Seriam os seus esponsaes, a sua delicia espiritual.

Como o tumulo della iria ficar bello, como as flores se amontoariam frescas e lindas, como num altar da Virgem! Deus nunca esquece os humildes, pensou.

E o coveiro foi feliz, então. Pela primeira vez deixou de ir á igreja, ao repenicar da sineta. Agora tinha de cuidar duma capella que abrigava a sua felicidade inteira...

Beatriz Delgado

O Canastrão

Na giria theatral o *canastrão* é o actor bisonho ou incapaz, que teima em ser actor e leva a vida a marcar passo, sem um signal de progresso.

Para não descncorajar uma inutilidade dessa especie, tambem chamada *actor do panno de fundo*, as emprezas confiam-lhe typos de passagem, sem importancia, com raras fallas em diminutos papeis. Bancar o criado, que acóde invariavelmente rápido ao primeiro chamado do tympano de scena, trazer um copo d'agua, uma carta ou conduzir uma mala, são os *papeis* em que se aproveita o *canastrão*.

Quando o typo, além de imprestavel, é convencido, presumpçoso, alcança a classificação prosaica de *galan de bandeja*.

O Telesphóro pertencia ao grupo dos *canastrões* classicos no meio theatral. Quando não tinha contrato, passava o tempo no botequim a lamentar a decadencia da arte dramatica e o desprezo dos governantes pelas cousas relativas á arte de Talma.

Se um contrato apparecia, Telesphóro ficava radiante, empavonava-se e encarava os *collegas* com ares superiores de *estrello* consagrado.

No theatro era sempre victima das partidas que lhe pregavam os artistas, sem que elle pudesse pagar na mesma moeda. Quem mais o importunava e o atrapalhava nas representações era um conhecido galan comico, que muita vez fazia a platéa rir-se á custa dos modos esquerdos do canastrão.

Este tantas soffreu, com taes *bromas*, que planejou vingar-se do galan, assim que encontrasse vaza.

Numa das peças do repertorio, o Telesphóro, no papel de criado grave, entregava uma carta ao galan, que abria o envolucro e lia em voz alta a missiva. Por lei do menor esforço, o galan não decorava o conteúdo da carta, lia-a realmente, porque arranjára com o contraregra esse allivio da memoria.

Na noite do beneficio da *ingenua* da companhia, Telesphóro resolveu realizar a partida contra o actor. Em vez da carta escripta do costume, metteu no envolucro uma folha de papel em branco.

No momento propicio, dada a *deixa* pelo contraregra, Telesphóro entrou impávido em scena, aproximou-se do galan, mesureiro, e estendeu-lhe a salva onde estava a carta-tramoia.

O galan rasgou o envoluco e, ao vêr a folha de papel em branco, não se desconcertou; passou a folha ás mãos de Telesphóro, ordenando com modos superiores:

— Leia isso em voz alta, para todos ouvirem!

Telesphóro empallideceu, abananado, sem saber como sahir da entaladéla.

O resultado foi uma risota geral na platéa seguida de forte surriada em cima do pobre canastrão, que teve de fugir de scena envergonhado.

No acto seguinte deveria elle apparecer de novo, para trazer um copo d'agua. Mal pôz os pés em scena, a surriada recomeçou e o misero *galan de bandeja* correu de novo para os bastidores.

Entre os comparsas que commentavam o desastre, Telesphóro, para não dar o braço a torcer, explicou a razão da vaia:

— Isso é obra do *coronel*.

— Que *coronel?* perguntaram-lhe.

— O *coronel* que faz a côrte á ingenua. Ha muito tempo que elle me ameaçava com essa desfeita, por eu ter dito umas tantas verdades sobre o valor artistico da *ingenua*.

Na noite seguinte, mal refeito das commoções que apanhára, Telesphóro teve de dar conta de seu recado na malsinada scena da carta.

Ao apparecer á vista do publico recebeu nova e mais estridente surriada, que desta vez, para os demais interpretes, era inexplicavel, por ter corrido a scena normalmente.

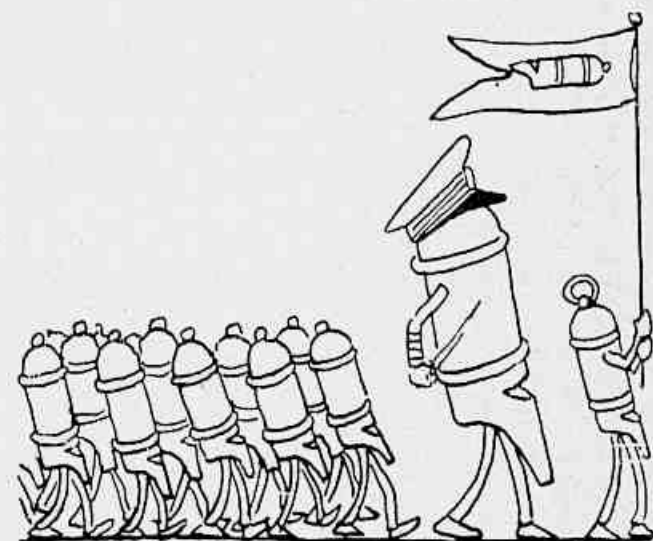
Nos bastidores, pallido e suarento, Telesphóro gemia:

— Não ha duvida, isso é obra do *coronel!*

O galan, que o ouvira, perguntou com estranheza:

— Obra do coronel? Só?

— Só, só e só, respondeu o canastrão.

— Isso não, á vista do estrondo:

o coronel veiu ao theatro com todo o seu regimento!

Telesphóro quiz rescindir o contrato, mas foi promovido a *puxa vistas*, cargo que exerceu com proficiencia e lhe dava ares de superioridade, por estar sempre no alto dos travejamentos e das bambolinas...

RAUL

A coragem duma telephonista

Trata-se da senhorita Anita Torrero, telephonista de Ayerbe, nas immediações de Jaca, e que os revolucionarios espanhoes tomaram na sua marcha sobre Huesca.

Sabedora da approximação dos rebeldes, a senhorita Torrero avisou immediatamente as autoridades de Madrid. E manteve-se em communicação com ellas até que a estação de Ayerbe foi invadida. As suas ultimas phrases foram: "Neste mesmo momento, os rebeldes invadem a estação telephonica. Mas..." Ahi, foi a communicação subitamente cortada.

Todos os jornaes de Madrid felicitaram calorosamente a telephonista de Ayerbe pelo seu bello procedimento e a sua calma admiravel. O seu retrato sahiu em todas as folhas. E mais uma vez ficou provado que a coragem não é privilegio dos homens.

Irmãs de Creso

Qual é a mulher mais rica do mundo? Dir-se-hia que é lady Granard, que acaba de herdar de seu pae a somma de 2.459.974 libras esterlinas, ou sejam, mais ou menos, na nossa moeda, 122.000 contos de réis. Ha porém mulheres, e não poucas, ainda mais ricas que aquella. Assim lady Yule, a quem seu marido recentemente legou 20 milhões de libras, ou seja um milhão de contos de réis, e lady Houston, cuja fortuna anda mais ou menos pelo mesmo.

Entre as subditas do rei Jorge contam-se varias senhoras com direito ao titulo de milionarias — milionarias em libras, está claro. A esse numero pertencem lady Louis Mountbatten e sua irmã mrs. Cunnigham-Reid e tambem lady Rhondda, que faz parte do Parlamento britannico e é uma mulher de negocios absolutamente notavel. Tambem lady Strickland herdou grande fortuna de seu irmão sir Edward Hulton, famoso proprietario de jornaes.

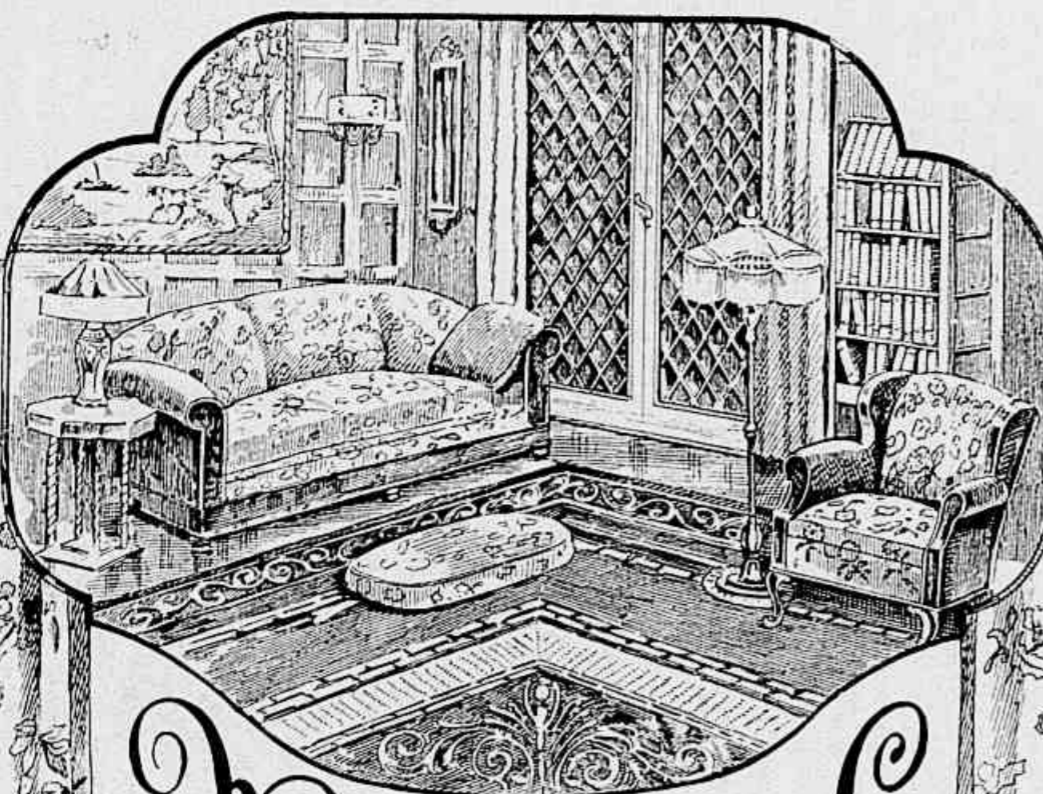
A mulher mais rica da Argentina, senhorinha Decoud, possue uma fortuna avaliada em 20 milhões de libras.

Se quasi todas essas fortunas foram herdadas pelas donas actuaes, outras ha que ellas ganharam com a sua intelligencia e o seu trabalho. Assim mrs. Ida M. Flager, que possue cerca de tres milhões de libras em acções de petroleo e que, numa casa de saude de Nova York onde o mez passado se achava em tratamento, declarou valerem tanto aquelles titulos, hoje em dia, como simples pedaços de papel. Podem-se citar ainda mrs. Ketty Green, de Nova York, que tem a mania de andar pobremente vestida, dando a impressão duma operaria desempregada, e a sra. Yone Suzuki, que possue no Japão uma verdadeira frota mercante, minas, usinas de assucar, fabricas de algodão e cuja fortuna, ganha por ella mesma, vae a 30 milhões de libras ou sejam, na nossa moeda, milhão e meio de contos de réis!

Bons conselhos

Durmam muito. Antes de mais que de menos. O somno combate a usura e é para muitos o segredo d'uma longa vida.

Para tirar todo o proveito do bom somno é preciso dormir num quarto arejado. O ar é o alimento do somno.

Quando nos ferimos, não infeccionemos o ferimento com lavagens inuteis. Tintura de iodo e uma ligadura. Se sangra, que a bandagem seja compressiva. E nada mais.

Um grupo de amigos da Revista da Semana — Pelotas.

Um acampamento de veranistas na Praia do Laranjal (Lagôa dos Patos) — Pelotas.

Mobiliario Tapeçaria Decorações

CASA NUNES
MARCA REGISTRADA

PREMIADA HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 · RUA · DA · CARIOCA · 67 · RIO

Segunda Terça Quarta
3 GRÁOS MAIS ALVOS

Os Seus Dentes Sorriem?

QUANDO o seu sorriso se desenha sobre dentes amarellos e opacos, cobertos por feia pellicula ou cariados, — V. S. perde todo o seu encanto, toda a sua belleza!

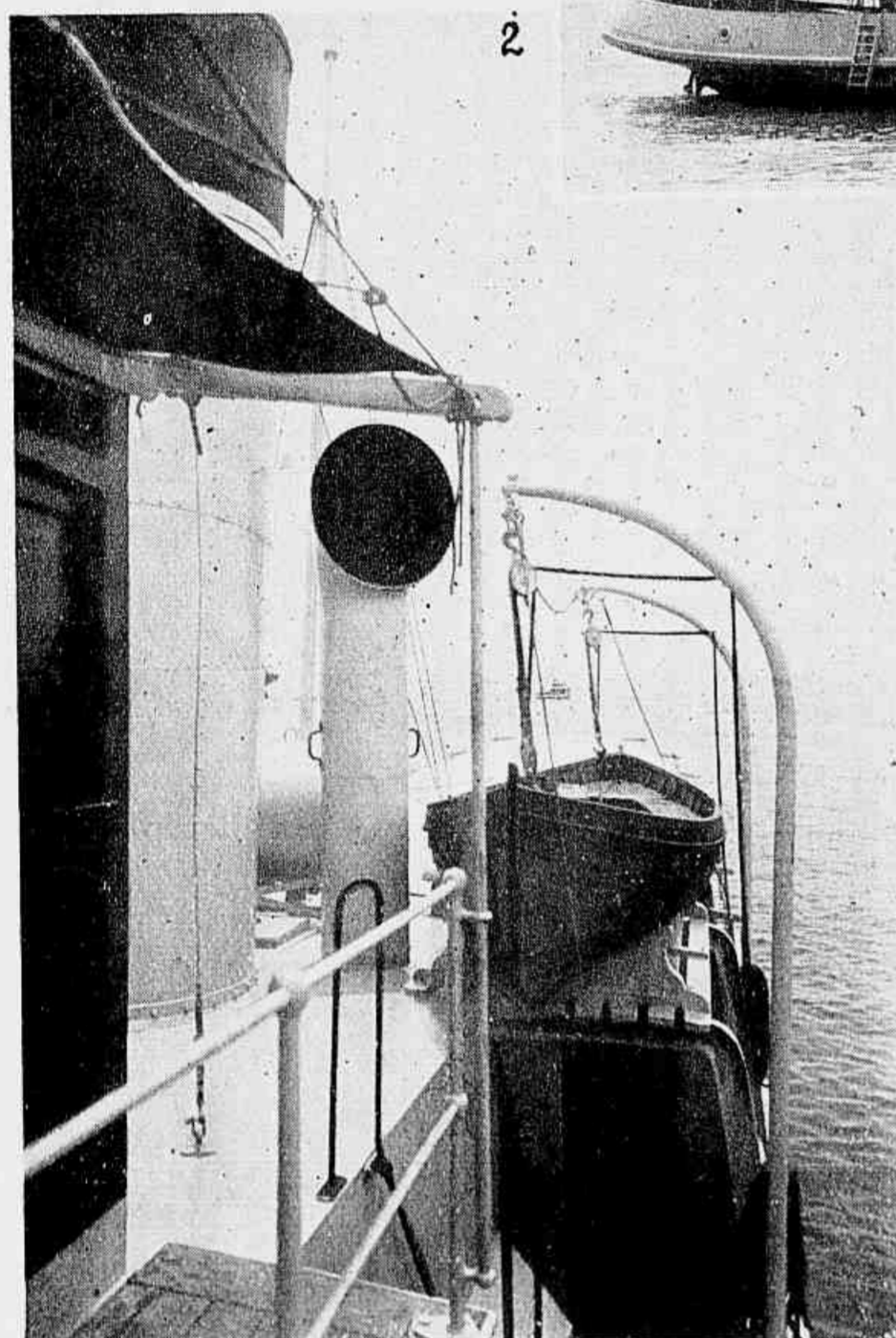
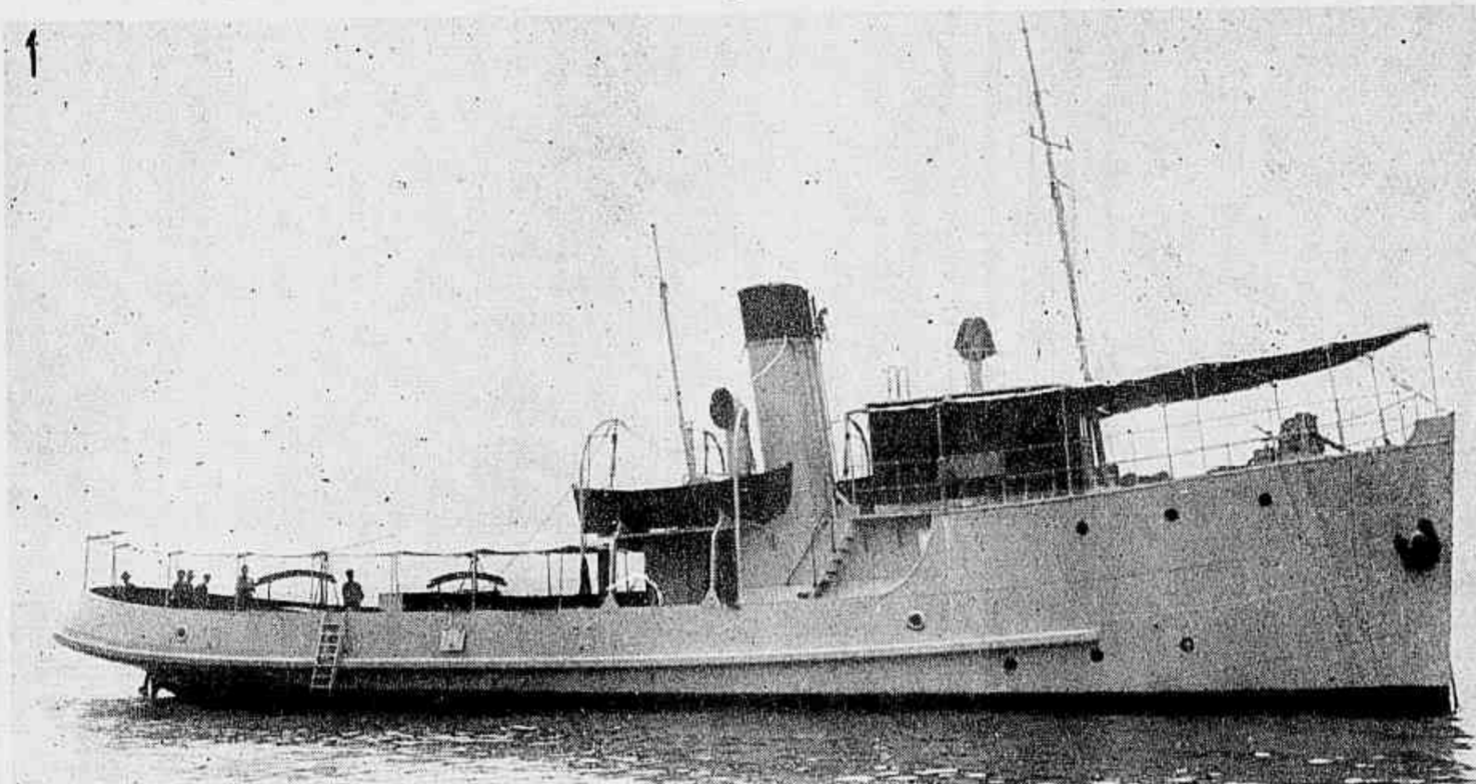
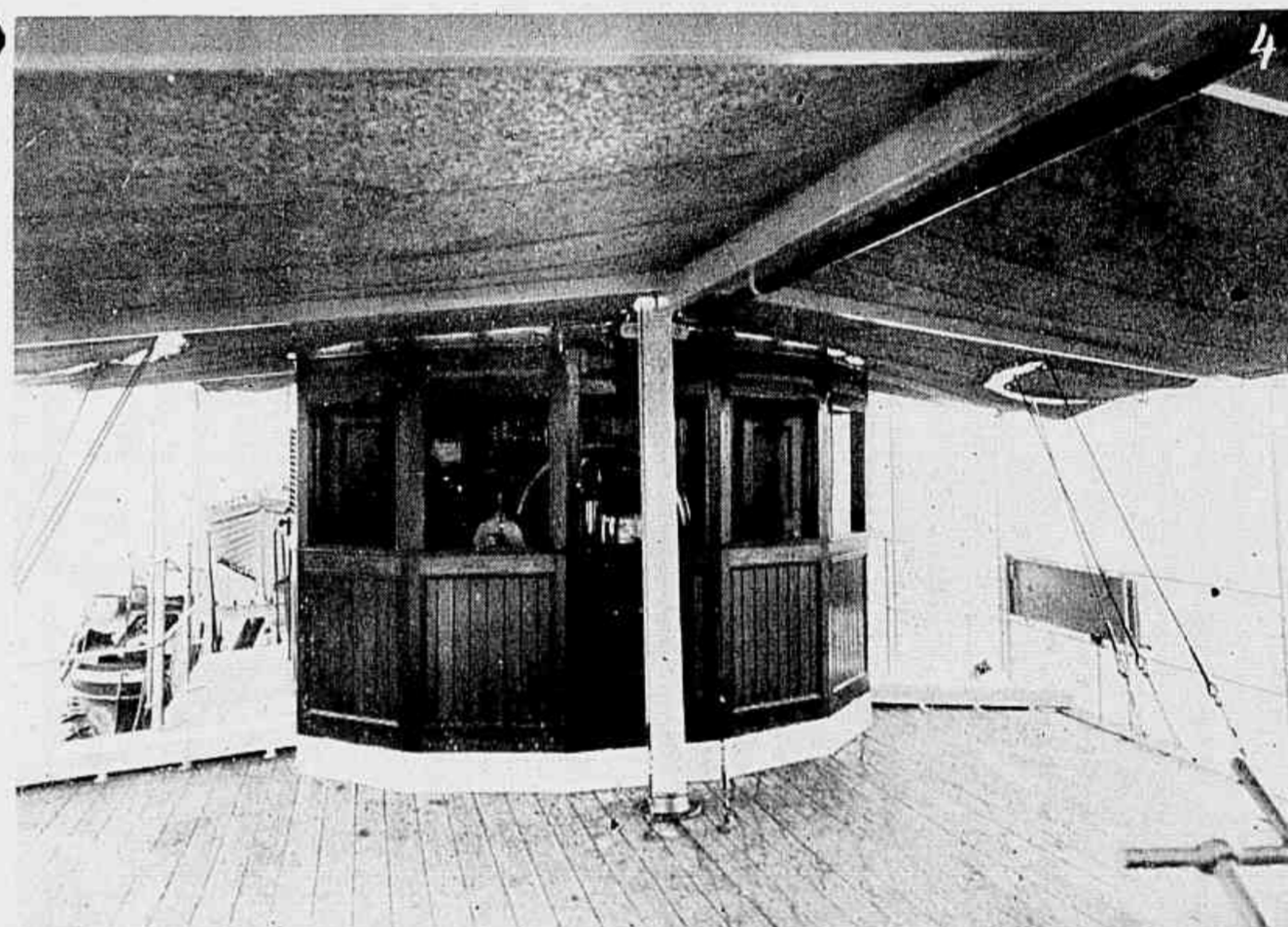
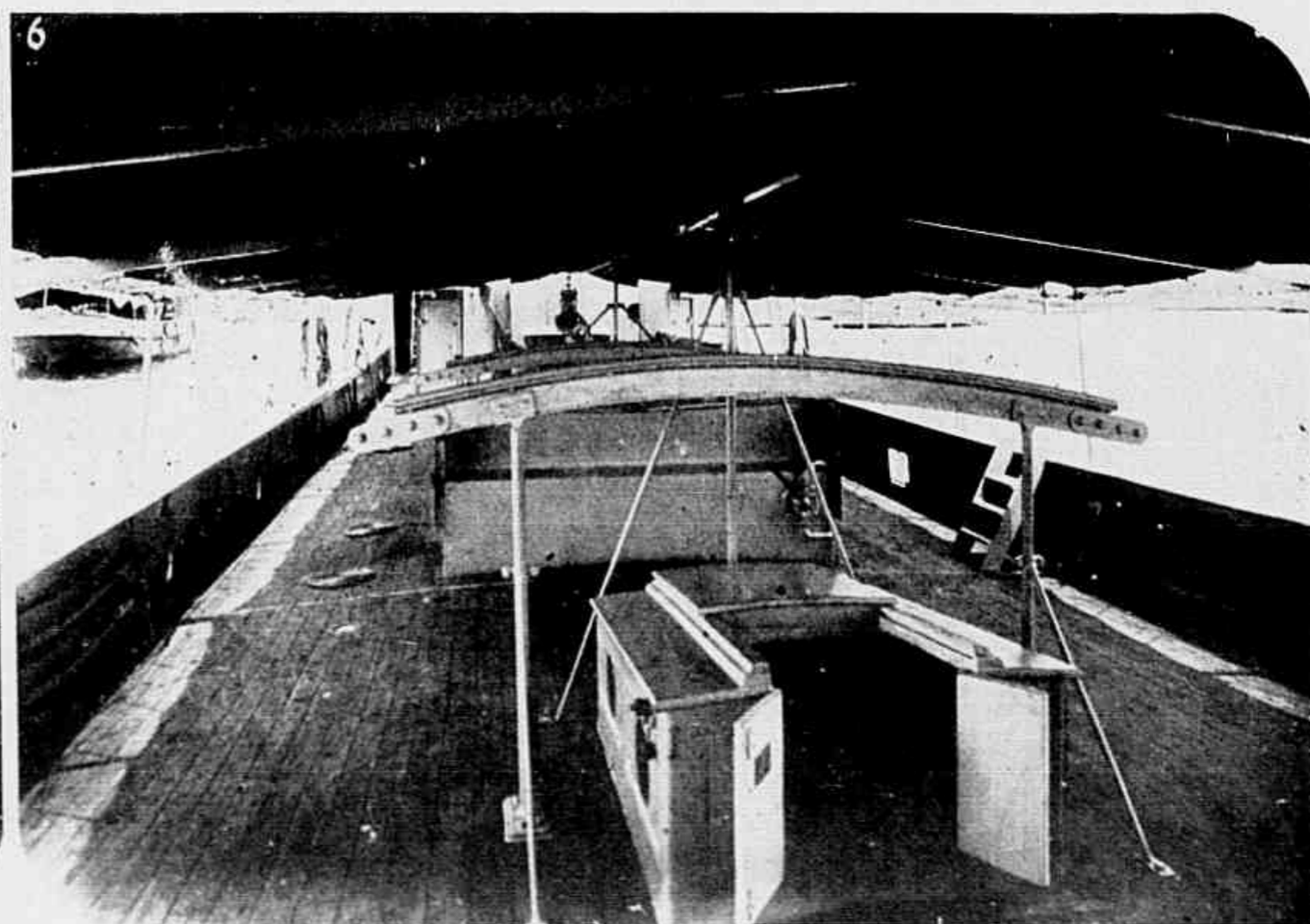
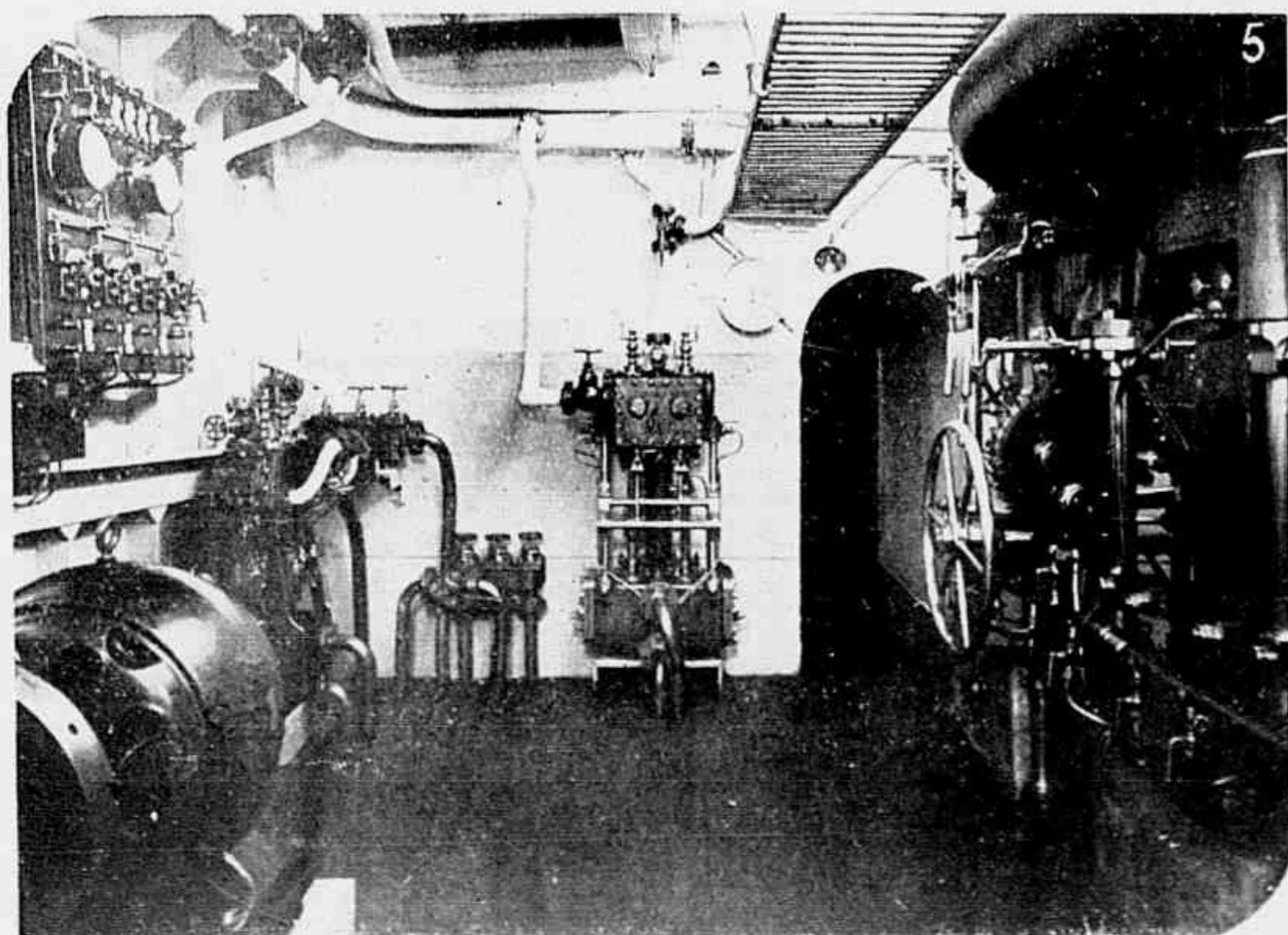
Para ter dentes sadios, alvos e brilhantes, — use KOLYNOS. Kolynos limpa os dentes e as gengivas tal como é preciso limpal-os.

Ao ser applicado este Creme Dentario, de alta concentração, transforma-se em deliciosa ESPUMA antiseptica que penetra, limpa e purifica as menores cavidades e covas dos dentes. De modo rapido e efficaz elle elimina a sujeira, polindo os dentes até lhes restituir o esmalte original, sem damnifical-os.

Essa maravilhosa espuma do Kolynos remove as particulas do alimento em fermentação e neutraliza os acidos da bocca. Desfaz a pellicula amarellenta e feia e deixa o seu paladar com admiravel sensação de limpeza e frescura.

Se quizér dentes mais alvos, livres da cárie, — em gengivas firmes e rosadas, — experimente Kolynos. Em tres dias elle lhe provará o seu valor.

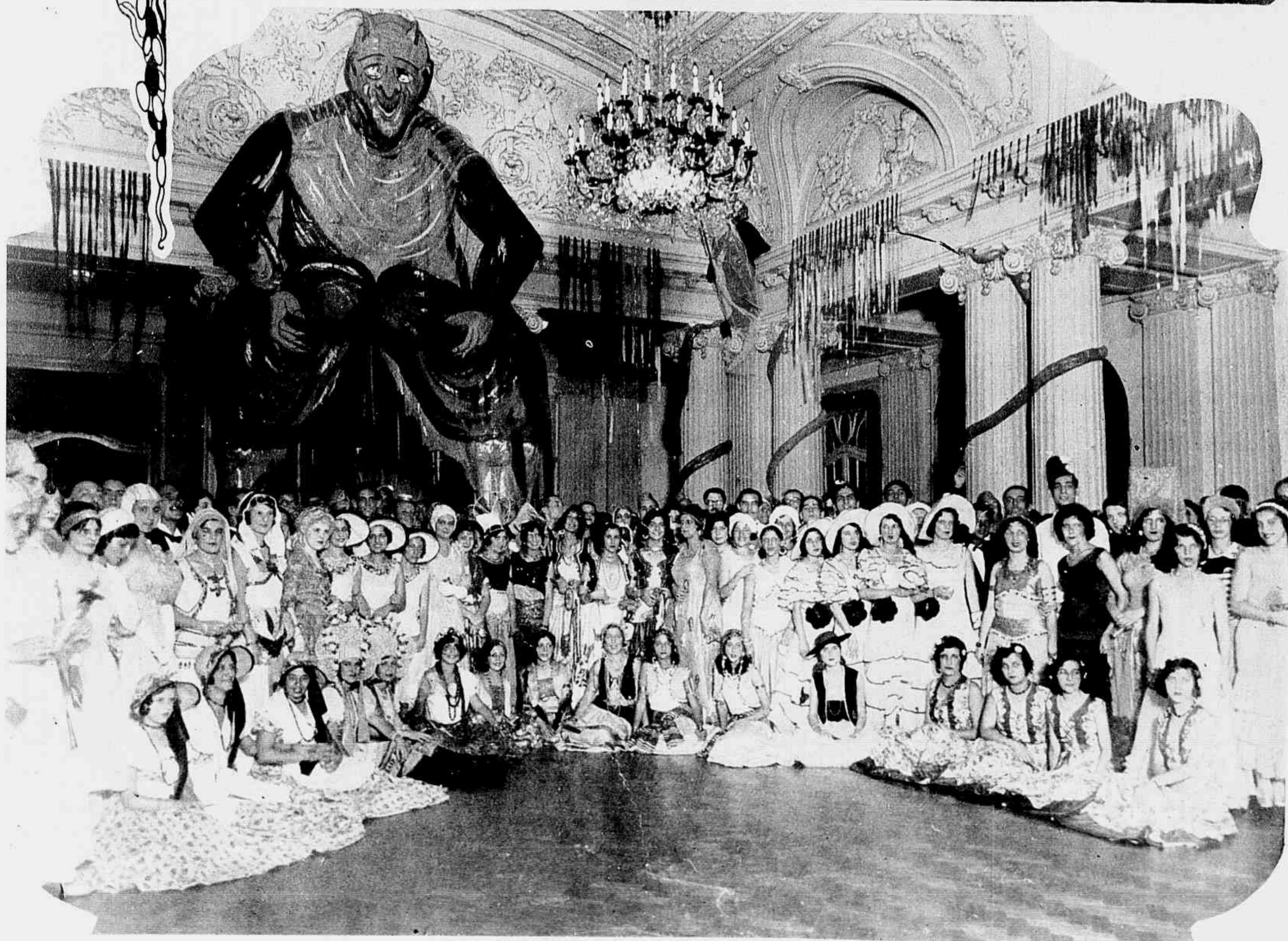
Dr. Raul dos Santos Caneco
ENGENHEIRO E ARCHITECTO NAVAL

Sr. Vicente dos Santos Caneco
INDUSTRIAL NAVAL

E', realmente, uma gloria para a industria brasileira e para a nossa engenharia naval o rebocador de alto mar *Wandenkolk* que os estaleiros *Caneco* acabam de construir para a nossa marinha de guerra, obedecendo aos traçados do engenheiro e architecto naval dr. Raul dos Santos Caneco. O primeiro navio em aço construido no Brasil, segundo planos de construcção brasileiros, desloca 300 toneladas, queima carvão, possúe uma força de 600 I. H. P. e, dotado de uma machina reciproca "triple", pode desenvolver uma velocidade de dez milhas horarias, com um raio de acção de mil e duzentas milhas. Tem, como caracteristicos constitucionaes; 107'-0" de comprimento, 21'-0" de bocca e 8'-0" de calado medio, e em tudo se mostra criteriosa e aperfeiçoadissima, além do plano de construcção, essa mesma construcção que foi realizada, nos referidos estaleiros, pelo sr. Vicente dos Santos Caneco, o conhecido industrial naval. Nossos clichés, encimados pelas photographias do delineador e do constructor do bello navio, reproduzem aspectos geraes e parciaes desse producto que enche de orgulho a capacidade industrial e a technica scientifica em nosso paiz. 1 — Vista de perfil do "Wandenkolk". 2 — Aspecto do passadiço do rebocador. 3 — O "Wandenkolk" visto de pôpa. 4 — A casa do leme. 5 — Aspecto da praça de machinas. 6 — Convés do rebocador.

America F. C.

O CARNAVAL NO C. R. FLAMENGO

CLUB GYMNASTICO PORTUGUEZ

O BAILE DOS ARTISTAS

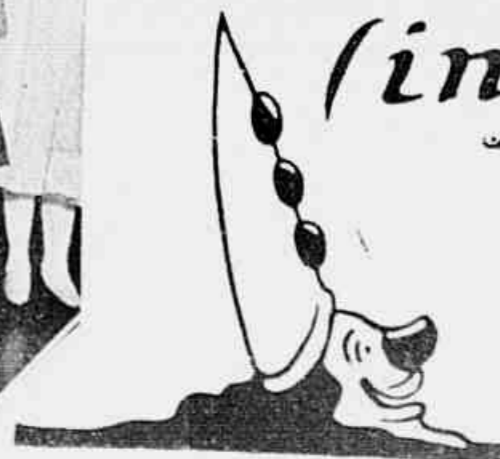
O BAILE DOS ESFARRAPADOS

O BAILE DO TIJUCA TENNIS CLUB

Bailes de Carnaval

Trasmontano

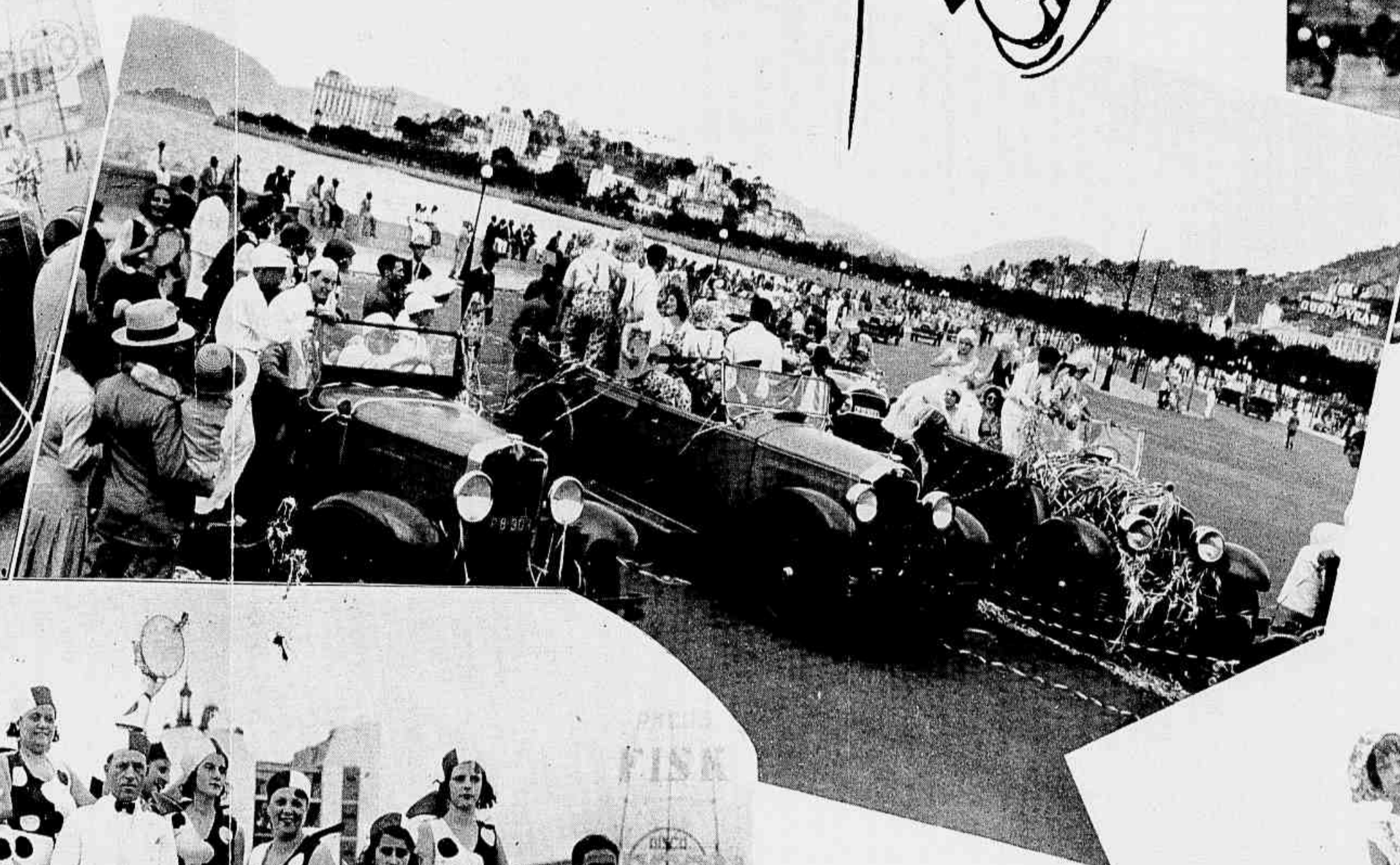
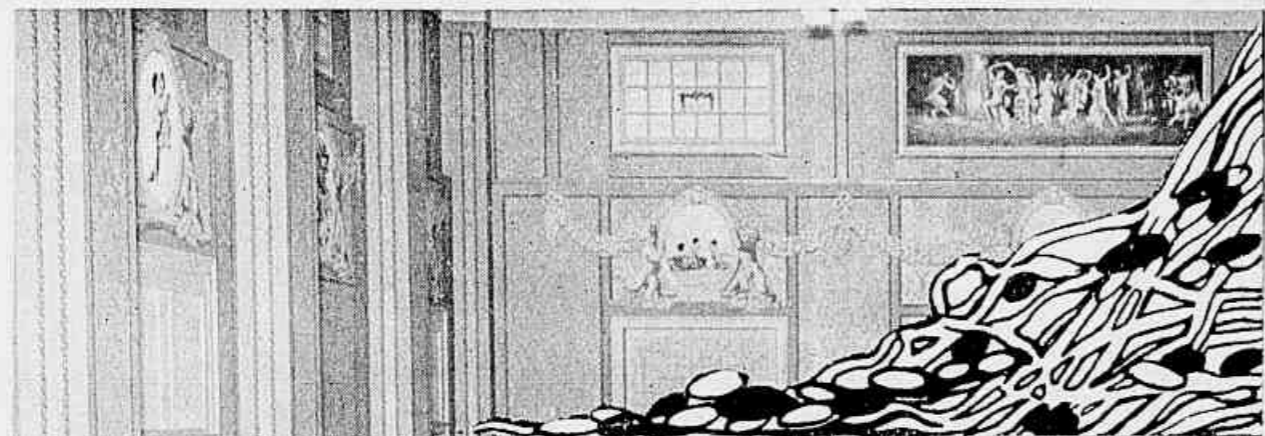
Club Nacional

Orfeão Português (infantil)

Trasmontano (infantil)

G. R. Portuguez
(infantil)
Gremio
11 de Junho
Gremio Sportivo
11 de Junho
Grupo da Onda
(Praia Club)
Club Militar

O CORSO
FISK

C. I. Regatas

CARNAVAL DAS CREANÇAS NO C. R. FLAMENGO

Club de S. Christovam

Matinée infantil no Botafogo F. C.

O DIA DOS RANCHOS

1 – Arrepiados
2 – Flor do Abacate
3 – Elite Club

O Carnaval em Nictheroy

Foi deslumbrante o baile de carnaval realizado pelo Automovel Club da vizinha capital fluminense. Os festejos de Momo tiveram nessa fina associação um brilho invulgar, para o que muito concorreu a elite da cidade de Martim Affonso.

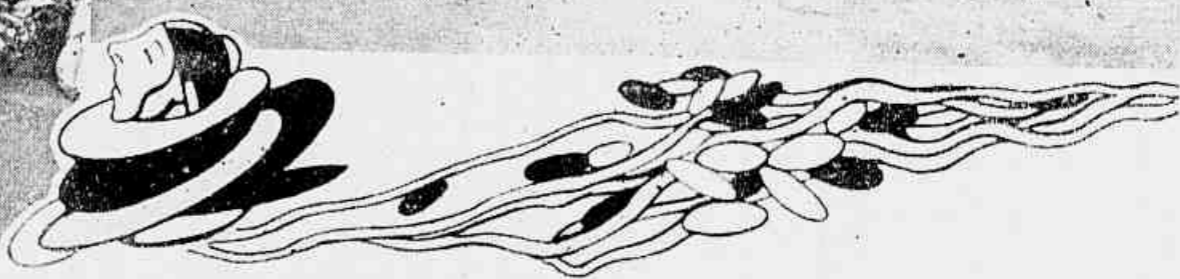
O Club de Regatas Icarahy promoveu uma elegante *soirée* carnavalesca que se revestiu de um attractivo e de uma alegria realmente notaveis. Os athletas nauticos da elegante praia nictheroyense tudo envidaram para que se destacasse, pelo brilho e pela nota de sadia animação carnavalesca, o esplendido saráu.

O Club Central de Nictheroy mais uma vez deu uma pujante demonstração de sua excellencia social fazendo realizar em seus lindos salões o baile de 1931, onde brilhou a radiosidade de uma selectissima assistencia, que foi bem a representação do quanto tem de fino e de bom gosto a alta sociedade de Nictheroy

Botafogo F. C.

A matinée infantil no C. R. Botafogo

Fluminense
F. C.

C. R. Guanabara

O BONDE DAS 7h 15m

Baile á phantasia com vestuarios de 1860, na residencia de Mr. e Mrs. Briand Guinness em Buckingham Street (Londres).

Os donos da casa: mr. e mrs. Guinnes. A senhora Guinness é filha de lord Redesdale.

Mrs. Evelyn Waugh com o vestuario de menina de 1860.

Mrs. Tom Freeman-Mitford com o vestuario de uma Lady de 1860.

Miss Freedman-Mitford, com o vestuario da sua antepassada Lady Georgiana Mitford.

Conselhos sociaes

CONTRA A INSTRUCÇÃO DA MULHER

Uma brochura assignada por Sylvain Maréchal denominada "Projecto de lei para prohibir ás mulheres aprenderem a ler" foi muito commentada na occasião de sua publicação em 1801.

Esse Sylvain Maréchal, que teve algum successo como poeta pastoral, era um perigoso sophista que procurava chamar a attenção com escandalo.

Foi para isso que compoz um "Almanach da gente honesta" onde o nome dos santos eram substituidos por nomes de personagens celebres a qualquer titulo. Até o de Jesus-Christo encontrava-se entre o de Epicuro e o de Ninon. Indignado com essa approximação sacrilega, o procurador geral Seguier denunciou o obra ao Parlamento. O livro foi queimado pelas mãos do carrasco, e o autor posto na prisão de Saint-Lazare durante quatro mezes.

Atheu decidido, publicou durante a Revolução um original "Diccionario dos Atheus", onde põe entre esses, sob a etiqueta de atheus dissimulados, Pascal

e Bossuet, Fenelon e Santo Agostinho. Embora os poderes publicos não fossem nada naquella época defensores dos principios religiosos, essa assimilação pareceu d'uma tão chocante imbecilidade que foi prohibido aos jornaes referirem-se a este trabalho.

Não tendo conseguido conquistar a celebridade collocando-se como fanfarrão do atheismo, Sylvain resolveu dar o grande golpe.

Elle, que vivia — dizem — rodeiado de mulheres instruidas, imaginou pedir ao governo prohibir as mulheres de aprenderem a ler.

Esta burlesca supplica provocou violentas reprovações e uma das ex-amigas do autor respondeu por uma outra brochura na qual pedia que elle fosse internado numa casa de saude, onde a sua loucura seria tratada á custa dos seus partidarios.

Mas o que é curioso é encontrar-se os argumentos de Sylvain Maréchal nos artigos e livros dos anti-feministas modernos.

Um Mussolini, que não quer que estudemos a philosophia e que diz que a mulher, não tendo produzido obra d'arte, deve ser mantida afastada da cultura superior e confinada no gyneceu, não está longe d'um Sylvain Maréchal. Todos aquelles que acham que nos deve ser recusado o direito de participar na gestão dos negocios publicos pensam da mesma maneira que aquelle misogyno.

Por esta razão acha-se uma especie de actualidade retrospectiva em exhumar essas curiosas propostas de Sylvain Maréchal.

"Considerando, diz elle, que o amor honesto, o casto hymeneu, a ternura maternal, o reconhecimento dos beneficios etc. são anteriores á invenção do alphabeto e da escripta, subsistiram e pódem ainda subsistir sem elle; considerando que a intenção da bôa e sensata natureza foi que as mulheres, exclusivamente occupadas com os cuidados caseiros, se orgulhem de segurar em suas mãos, não um livro e uma penna, mas um fuso e uma roca;

"Considerando quanto uma mulher que não sabe ler é reservada nas suas opiniões, pudica nas suas maneiras, parcimoniosa em palavras, timida e modesta assim como calma e indulgente:

"Considerando quanto, pelo contrario, aquella que sabe ler e escrever tem tendencia para a maledicencia, para o orgulho e desprezo daquelles e de todas aquellas que sabem menos;

"Que commummente uma mulher perde seus encantos e mesmo os bons costumes á medida que ganha em saber e em talentos; que, por pouco que ella saiba ler e escrever, uma mulher accredita-se emancipada e fóra da tutela que a natureza e a sociedade lhe impuzeram em seu proprio interesse;

"Que ha escandalo e discordia, n'um lar, quando uma mulher sabe tanto ou mais que seu marido;

"Que, depois que se encontram em todas as profissões mulheres sabendo ler, a vendedora descuida o seu balcão, a cozinheira o seu trabalho, a operaria começa mais tarde e acaba mais cedo o seu dia (seguem-se outros exemplos tão convincentes como estes que poupo ás minhas leitoras);

"Considerando que impedir as mulheres de aprender a ler é um grande passo dado para fazer cessar a multiplicação dos livros e para operar uma salutar reforma na litteratura cahida em roca (dominio feminino)"...

Apezar de serem tão estupidas essas razões invocadas por Sylvain Maréchal, ainda existem muitos homens actualmente que pensam como elle.

Naturalmente ninguem imagina transformar todas as mulheres em eruditas e sábias. Mas nunca uma bôa instrucção impediu uma mulher de ser uma bôa esposa e uma bôa dona de casa.

Pelo contrario, o espirito de rotina e de ignorancia entretem os preconceitos, os erros. E seriam essas mulheres ignorantes competentes para educar seus filhos, governar sua casa e tomar o lugar do pae quando esse vem a faltar?

No fundo de tudo isso transpira sempre o receio masculino de ver a mulher egual ao homem. Longos seculos de servidão tinham-nos collocado no segundo plano, contra toda a justiça. Muitos homens, que se crêem superiores pelo simples facto do acaso fazel-os nascer homens, não se pódem habituar a esta ideia, para elles monstruosa: que a natureza não poz a menor differença entre um cerebro do homem e um cerebro de mulher. Uma mulher que se instrue, uma mulher que os vae igualar, ameaçar seus privilegios parece agir como inimiga desleal.

Ha sómente um ponto em que não discutem a nossa superioridade, é no dominio do coração. Nunca os homens se queixaram de que eramos dedicadas de mais, muito amorosas, nem propuzeram substituir-nos na cabeceira dos doentes e junto dos berços. No que fizeram bem, aliás.

MODAS · COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

ULTIMOS MODELOS

A MODA

Os tecidos de fantasia com desenhos miudos têm a vantagem de afinar as pessos gordas, ao passo que os de desenhos grandes só pódem ser usados por pessôas finas e esbeltas.

O branco parece triumphar de dia como á noite: além de todas as outras vantagens tem a de ser pratico, porque póde ser lavado. Um casaco de côr, uma capinha, um fichú, uma bolsa, uma echarpe d'um tom pastel ou vivo darão uma nota chic á toilette mais simples.

Mousseline e georgette gozam d'uma fama muito justa. Lisas ou de fantasia, servem de base aos vestidos mais chics. São necessarios tecidos leves como a mousseline e o crêpe *georgette* para dar ás saias a vasta roda que a moda exige. A moda *garçonnière* desappareceu para dar lugar a uma muito mais afeminada. Os detalhes são abundantes e complicados; a variedade do corte, dos recortes, das beiradas festonnadas e rendadas contrastam com a saia estreita e curta d'um anno atrás.

Os accessorios da toilette têm tanta importancia como ella. As bolsas, os sapatos, as meias e as luvas devem ser bem estudados para formar um conjuncto harmonico. As luvas longas voltaram depois d'uma longa ausencia. Existem agora em diversas nuances e, se é de bom tom usar luvas escuras com um vestido claro, é moda tambem usar-se luvas exactamente da côr do vestido — azul, rosa, verde ou amarello.

Com os vestidos estivaes são usados os chapéus de abas grandes.

Com o vestido longo de ceremonia, nenhum outro chapéu diz melhor. As palhas finas, as palhas rendadas disputam-se os nossos suffragios. O linho engommado de todos os tons em capelines leves, agradaveis para o tempo de grandes calores. Para o banho de sol, adoptem o grande chapéu de palha que garante a cabeça, assim como a cutis do rosto, dos hombros e do peito.

A roupa de baixo tem uma importancia capital no nosso vestuario. A moda dos vestidos longos obriga-nos a renovar o nosso enxoval. A combinação-culotte foi substituida por uma calça curta ajustada nas cadeiras por pinces e uma longa combinação cortada a fio direito ou antes *en-forme*. A camisa de dormir seguiu tambem a moda e ficou mais longa. Os modelos Imperio, guarnecidos com palas curtas, agradam muito. As uniões do azul e rosa, rosa e amarello, verde e rosa, azul e branco são obtidas por incrustações de flôres, ou por pontos de bordados. Os tecidos floridos ajudam a simplificação dos feitios, esses desenhos constituindo uma bella guarnição.

1 — Toilette de crepe *georgette*, e o corpo de crepe amarello claro, babado e saia en-forme de crepe azul com bolas amarellas. 2 — Vestido de crepe *georgette* vermelho, a saia e corpo são guarnecidos com nervures desenhando festões. *Collerette* de *lingerie*. 3 — Toilette de *mousseline*, fundo branco com desenhos cinzentos e pretos, pala de *mousseline* branca. 4 — Vestido de crepe da China azul turqueza. Saia cortada en-forme e com *panneau* da frente muito franzido. 5 — *Ensemble* de crêpe da China de fantasia, a pala do vestido e as tiras que guarnecem o casaco de crepe *georgette* branco.

O que é nosso

Nada mais digno de unanimes applausos que esse intenso movimento que se vem operando em favor da preferencia aos productos da Industria Nacional.

A prosperidade dessa industria representa a prosperidade da propria nação, pelas materias primas que consome, pelo numero de pessoas a que dá trabalho, pelos capitaes que movimenta e, principalmente, porque quanto menos importarmos maior será o saldo em a nossa balança commercial e, consequentemente, mais valorizada ficará a nossa moeda.

Entre as industrias mais merecedoras dessa preferencia do publico, figura em primeiro plano a dos tecidos: ella attingiu tal ponto de adiantamento que, hoje, difficilmente se consegue distinguir um tecido nacional de um extrangeiro.

MODA INFANTIL

1 — Vestidinho de crepe *georgette* rosa, guarnecido com franzido ninho de marimbondo. A frente atacada com uma fita do mesmo tom. 2 — Vestido de *linon* branco com barra e guarnição de *linon* côr de rosa, pregas finas ajustam o vestido na cintura e cadeiras. *Bouquets* bordados com linha côr de rosa e verde enfeitam a barra do vestido. 3 — Vestidinho de *voile* de fantasia guarnecido com grupo de preguinhas pespontadas em xadrez. 4 — Vestido de crepe da China verde cla[illegible] da golla e da saia plissados; os laços que guarnecem o vestido são feitos com o proprio tecido. 5 — Vestido de *voile* de [illegible] e *voile* liso, saia *en-forme* e capinha. 6—Vestido de crepe *georgette* rosa, manguinhas e *panneaux* plissados. 7 — Vestidinho de crepe da China branco com desenhos vermelhos, enfeitado com fita de seda vermelha. 8 — Vestido de crepe da China vermelho, saia plissada, laço de fita branca na pala.

Nossa alimentação

OS ACIDOS FORTES

(opinião do Dr. P. Carton)

O sangue e os tecidos do corpo são alcalinos. A vida de nossos plasmas (nome da parte liquida de diversos tecidos organicos) não póde continuar senão em meio alcalino. Por essa razão, os acidos introduzidos pelos alimentos devem ser queimados nas vias digestivas ou neutralizados no sangue. Como as capacidades de transformação e de utilização das substancias acidas depressa são limitadas nas pessoas robustas que abusam dos productos acidos, são muito deficientes nos arthriticos, nos anemicos, nos desmineralizados, nos dyspepticos, nos enteriticos, nos tuberculosos etc. Por essa razão todo corpo muito acido ou muito acidificante introduzido no seu organismo determina uma espoliação mineral, que acarreta uma baixa das immunidades naturaes e uma predisposição infecciosa. O uso dos acidos descalcifica o organismo como uma fatia de limão roe o marmore sobre o qual descuidadamente se deixou. Quando se quer fazer emmagrecer um obeso ou libertar um rheumatico, chronico ou gottoso, dos depositos calcicos que travam o jogo das suas articulações, dêem-lhes acidos (curas de limões, de laranjas, de carne que acidificam o sangue por viciação do metabolismo, de acidos pharmaceuticos: methodo Guelpa). O organismo para neutralizar essas torrentes de acidos procura saes alcalinos nelle mesmo (saes de cal dos ossos, dos dentes, dos tecidos), joga-os na circulação e elimina-os sob a forma de areia, calculos.

A importancia do perigo dos acidos fortes (por incapacidade de transformação e degradação mineral defensiva do organismo) é quasi completamente ignorada na medicina e em pratica culinaria (abuso do limão e do tomate nos môlhos e nos alimentos). Pelo contrario, vê-se agora preconizarem as laranjas, os tomates e os limões para alcalinizar os humores (opinião dos chimicos ou theoristas de laboratorio) ou para vitaminizar as creanças que ainda estão mamando. Os resultados dessas praticas cegas são prodigiosamente nefastas. A conjunctivite, a otite, o eczema, as coryzas e bronchites repetidas, as doenças infecciosas das vias respiratorias (sarampo, anginas, laryngite, tuberculose), as caries dentarias, o nervosismo são os resultados finaes dessa falta alimentar tão frequente. Incrimina-se nesses casos as contaminações microbianas, sem reflectir que o enfraquecimento do terreno tem mais importancia que a presença dos germens para crear as infecções.

MENU DE JANTAR

SOPA DE ERVILHA COM CENOURA

PEIXE DE FORNO COM CHAMPIGNONS E OSTRAS

SOUFFLÉ DE ACELGAS

VITELLA COM MOLHO DE GEMMAS

PURÉE DE BATATAS

TRUFAS FALSAS

BOLINHOS DE PASSAS

SOPA DE ERVILHA COM CENOURA

Põe-se para cozinhar as ervilhas depois de terem estado muitas horas de môlho na agua com uma

TOILETTES PARA CASAMENTO

1 — Toilette para *demoiselle d'honneur* de crepe *georgette* azul, saia cortada *en-forme*: *nervures* ajustam o corpo e formam a pala da saia. Triangulo de tecido cobre um hombro e amarra-se sobre o outro. 2 — Vestido de noiva de setim branco, *nervures* marcam a cintura; capa nas costas acompanhando o decote e babado *en-forme* formando a longa cauda. Véu de *tulle* mantido por lyrios junto das orelhas. 3 — Toilette de renda preta, a saia cortada *en-forme* e o corpo guarnecido com uma capinha. 4 — Vestido de crepe *georgette vieux-rose*, saia com *panneaux en-forme* e *écharpe* cahindo do hombro esquerdo. 5 — Grinalda formada por folhas de perolas mantêm o veu de *tulle illusion*. 6 — Vestidinho de tafetá azul, saia e *fichú* com pregas finas. 7 — Calcinha de velludo azul marinha e bluza de crepe da China azul, com golla e punhos do mesmo tecido plissado.

ou duas cenouras cortadas em fatias. Passa-se depois na peneira ou coador fino e tempera-se com meia colhér de manteiga e um pouco de salsa picada.

PEIXE DE FORNO COM CHAMPIGNONS E OSTRAS

Escolhe-se um peixe de bôa qualidade, pesando pouco mais ou menos meio kilo.

Depois de bem escamado e destripado, lava-se bem e enxuga-se.

Abre-se sobre o fogo dentro d'uma frigideira, depois de bem lavada, meio kilo de ostras. Côa-se a agua que sahir das ostras e guarda-se.

Unta-se uma travessa que possa ir ao forno com manteiga e colloca-se no centro o peixe; arrumam-se em volta as ostras e o conteúdo d'uma lata de champignons (escorrida a agua). Junta-se um pouquinho de pimenta, sal, uns galhos de salsa, um calice de vinho branco, egual quantidade da agua das ostras e de caldo do peixe, e pedaços de manteiga. O peixe e a sua guarnição devem ficar cobertos com o liquido.

Faz-se cozinhar lentamente no forno vinte minutos.

Bate-se uma gemma de ovo com tres colhéres de leite.

Desmancha-se uma colhér de farinha n'uma colhér bem cheia de manteiga; faz-se alourar sobre um fogo brando; despeja-se pouco a pouco o môlho do peixe, o resto da agua das ostras e por ultimo a gemma com o leite; mexe-se no fogo brando, não deve mais ferver.

Despeja-se esse môlho sobre o peixe, deixa-se dourar no forno um quarto de hora.

SOUFFLE' DE ACELGAS

Desfolha-se as acelgas, põe-se para cozinhar uma meia hora na agua fervendo com sal. Corta-se em pedaços do tamanho do dedo polegar.

Arrumam-se por camadas dentro d'um prato untado com manteiga e que seja bem alto; espalha-se por cima pedacinhos de manteiga, sal, pimenta e queijo gruyere ralado. Cobre-se com um pouco de leite frio no qual se desfez um ovo batido.

Põe-se para assar no forno durante uma hora; vira-se bem o prato de todos os lados para que cresça e doure bem.

VITELLA COM MOLHO DE GEMMAS

Toma-se uma bôa fatia de vitella (que não seja grossa); tempera-se com sal e pimenta; põe-se um bom pedaço de manteiga numa panella; assim que estiver quente, põe-se dentro a carne e deixa-se tomar côr dos dois lados; tampa-se então a panella depois de ter juntado algumas cebolinhas. Deixa-se cozinhar durante vinte minutos; mólha-se com um pouco de caldo de carne, justo o necessario para que a carne não fique secca.

No momento de servir despeja-se sobre a carne a mistura que se fez de trez gemmas n'uma chicara de leite; deixa-se aquecer um minuto agitando a panella, arruma-se a carne com as cebolinhas n'uma travessa e despeja-se por cima o môlho.

BOLINHOS DE PASSAS

Bate-se muito bem 125 grs. de manteiga com o batedor de ovos, juntando em seguida egual quantidade de assucar, em seguida dois ovos, mas que se junta um a um; depois 150 grs. de farinha de trigo, 80 grs. de passas sem as sementes e um calice de licor de rhum.

Sobre um taboleiro untado com manteiga arrumam-se os bolinhos do tamanho d'uma noz, bem separados uns dos outros. Põe-se para assar em forno quente (meia hora pouco mais ou menos).

TRUFAS FALSAS

Toma-se 250 grs. de chocolate, deixa-se amollecer perto do fogo de maneira a poder juntar 250 grs. de manteiga, egual quantidade de assucar e tres gemmas de ovo.

Assim que a mistura estiver perfeita, deixa-se descansar uma hora em lugar fresco.

Em seguida divide-se a massa em pequenas bolas que se enrolam no cacáo desfeito em muito pouca agua.

Pensamentos

O amor é como um desenho. Tem-se que avançar ou recuar. Não se póde ficar no mesmo ponto.

Nas felicidades do amor, a mais poderosa não é aquella que se acredita dar?

A PRINCEZA BONA DE SABOIA, DUQUEZA DE BAVIERA

O Piemonte foi sempre o lugar preferido pela familia real italiana. Foi alli que o principe herdeiro fixou sua residencia, alli que diversos membros dessa casa adquiriram castellos, *villas*, onde passam uma grande parte do anno.

Mas nenhum gosta tanto dessa bella provincia como o duque de Genova, tio do rei Victor-Emmanuel III. O irmão da rainha Margarida possue alli o magnifico castello de Aglié, rodeiado de carvalhos e castanheiros seculares.

Aglié ergue suas casas sobre a collina, e o castello de tijolos côr de rosa parece um guardião vigilante, presidindo aos destinos dos seus habitantes. Nessa propriedade, o duque Thomaz-Alberto-Victor e sua esposa a princeza Maria-Izabel de Baviera viram nascer alguns dos seus numerosos filhos e todos para alli voltam no verão. Os jovens principes consideram Aglié como o berço da familia, e todos sem excepção para alli voltam com alegria.

Entre elles, nenhum se mostra mais fiel ao castello côr de rosa que a princeza Bona, primeira filha do duque e da duqueza.

Maria-Bona-Margarida nasceu em Aglié, no dia primeiro de Agosto de 1896. Foi na capella do castello que foi baptizada e que se casou no dia 8 de Janeiro de 1921, com seu primo o principe Conrado de Baviera, filho do archiduque Leopoldo e irmão da rainha da Belgica. Bona é por conseguinte a jovem tia da princeza Maria-José.

Do seu casamento a princeza Bona tem dois

A princeza Bona com o vestuario da imperatriz Maria Thereza da Austria.

filhos: a princeza Amelia Izabel – Maria – Gisela – Margarida, nascida em Munich, no dia 15 de Dezembro de 1921, e o principe Eugenio – Leopoldo – Thomaz, nascido tambem em Munich, no dia 16 de Julho de 1925.

Jovem, a princeza levava junto da sua irmã Maria-Adelaide, oito annos mais jovem, a vida tranquilla puramente familiar de todas as mulheres da casa de Saboia.

Em Turim, onde passava o inverno, recebeu uma instrucção solida e pratica, foi muito bem preparada para seu papel de futura mãe. De sua mãe, filha do principe Adalberto de Baviera, herdou aquelle gosto profundo do estudo e das sciencias exactas, ás quaes são dados todos os principes dessa casa. Da sua ascendencia italiana Bona herdou a loucura pela equitação que caracterisa suas primas, filhas do rei. Com Yolanda, hoje princeza de Calvi di Bergolo, e ao lado do principe de Piemonte, tomou parte no carrousel que, na primavera passada, reuniu toda a nobreza do paiz na cidade de Turim. A photographia que damos foi tirada durante as festas dadas nessa occasião, quando a princeza Bona representava no cortejo a imperatriz Maria Thereza da Austria.

A princeza é de estatura media, mas muito esbelta e elegante.

Tem cabellos escuros e os lindos olhos da familia.

A princeza Bona, devido talvez á educação severa que recebeu, conserva uma certa desconfiança da sociedade e dos prazeres mundanos. Dizem que tem horror da publicidade e dos photographos.

Vive retirada, dedicada aos seus filhos, recebendo sómente aquelles que sua posição obriga a frequentar. Adora a montanha e, quando póde, vae para o Trentino, no Alto-Adige, cujas vistas soberbas muito aprecia. Faz tambem frequentes viagens a Baviera onde convive com sua familia materna e toda a familia do seu esposo.

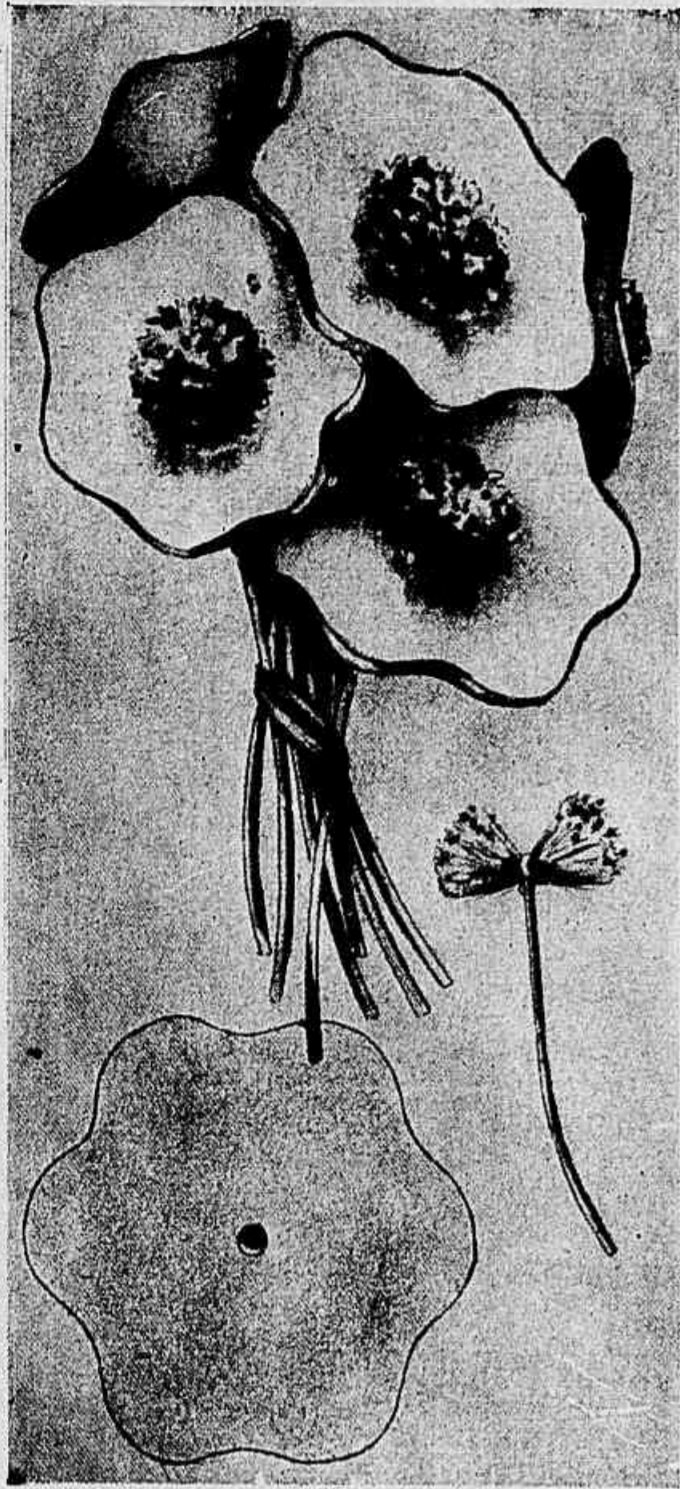
Nunca é vista nas capitaes européas: só em Roma vae algumas vezes, sendo a sua vinda acolhida carinhosamente.

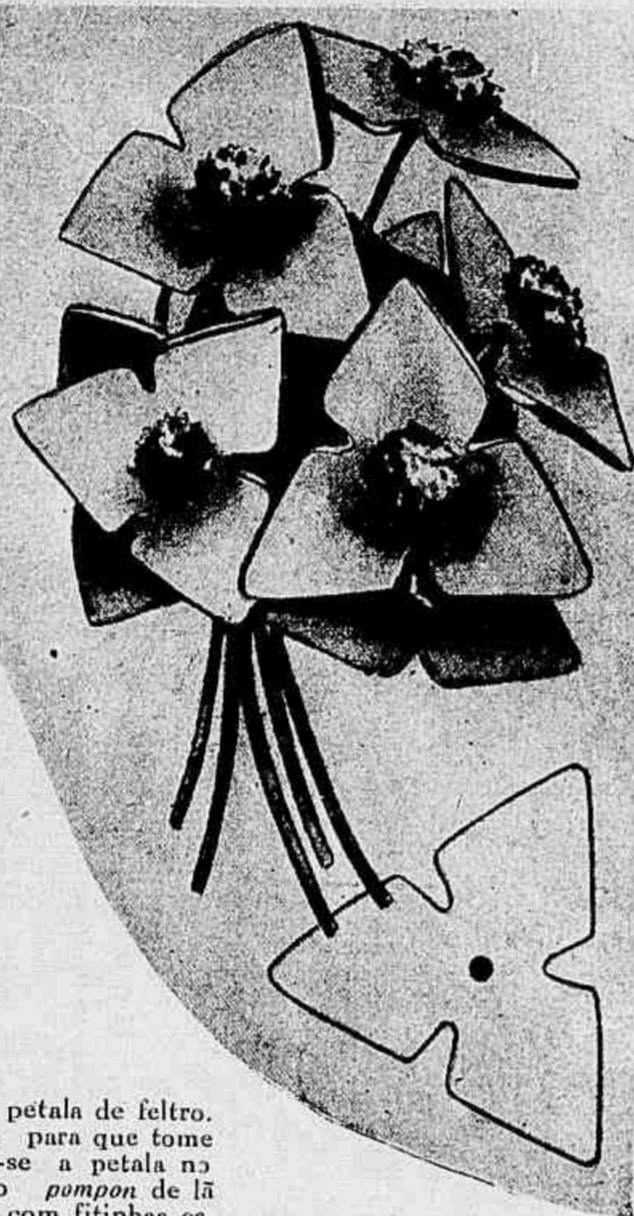
Como todas as casas reaes em que os filhos são numerosos, essa do duque de Genova não precisa de elementos extranhos para se distrahir. Alem da princeza Maria-Adelaide já citada, Bona de Saboia tem quatro irmãos, todos bellos rapazes, bem dignos de perpetuar a raça que representam. São: o principe Ferdinando, principe de Udine, official de marinha o principe Philibert, duque de Pistoia, capitão de cavallaria; o principe Adalberto, duque de Bergamo, tambem official do exercito; emfim, o ultimo, o principe Eugenio-Affonso, duque de Ancona. Todos elles são muito unidos e povoam o castello de Aglié de mocidade e alegria quando as ferias reunem a familia.

O Piemonte venera os principes. Não existe um camponez que não os conheça. Não é raro no tempo das caçadas ver os filhos e filhas do duque de Genova conversarem com os trabalhadores que encontram no caminho.

Mais ainda que seus irmãos, a princeza Bona herdou da sua tia avó, a rainha Margarida, a arte

VISTAS DE ESPANHA

Igreja de Cordova e o pateo das Laranjeiras

Flôres de feltro

Para guarnecer a golla dum *tailleur* ou o vaso dum quarto, damos aqui essas flôres de feltro interessantes e de facil execução. Corta-se primeiro no feltro, seguindo o modelo que damos das petalas das flôres. Faz-se o centro da flôr com uns fios da lã amarella de dois tons, mais claro e mais escuro, como mostra o desenho que damos, prendendo ao centro com um fio de arame que formará a haste da flôr. Em seguida penteia-se a lã e apara-se para que tome o feitio. Depois enfia-se o arame no furo que se fez no centro da petala de feltro. Repuxa-se a petala de feltro em todos os sentidos para que tome o ondeado das petalas das flôres naturaes. Cose-se a petala no *pompon* do centro ou colla-se. Pode-se substituir o *pompon* de lã por uma conta de madeira. As hastes são cobertas com fitinhas estreitas ou melhor ainda com uma estreita tira de papel fino verde.

de saber falar com os humildes.

Só a sua presença constitue uma alegria para os habitantes d'Aglié que esperam o verão com impaciencia para verem voltar os hospedes do castello.

Ultimamente, estes quizeram ainda dar uma prova da sympathia que conservam aos seus fieis vassalos. Festejaram em Aglié o 150.º anniversario da fanfarra local. Mais de 500 musicos foram levar seu concurso á festa, que teve completo exito. A familia do duque de Genova não deixou de testemunhar com a sua presença a sympathia que tem por esse pequeno povo da montanha. Tambem a princeza Bona e seus filhos foram delirantemente acclamados. E' preciso tão pouco para commover os corações... Felizes daquelles e daquellas que, esquecendo sua posição, sabem inclinar-se para os simples que estão promptos para lhes querer bem. Os principes que esqueceram este dever pagaram muitas vezes seu erro pelas mais terriveis catastrophes. E' uma falta que a princeza Bona de Saboia não commetterá.

Golla bordada com tubos de crystal.

Sobre um vestido claro esta golla-gravata de crêpe Georgette preto, cujas pontas são bordadas com tubos de crystal de dois tons, dará uma nota chic.

Este bolero, bordado com tubos de crystal, pode ser usado tanto sobre um vestido da tarde como da noite.

VARIEDADES

O QUE SE PASSA NA INDIA

A respeito do movimento revolucionario que agita a India, um jornalista francez escreveu o seguinte artigo:

"Um amigo, grande viajante, disse-me recentemente: — Muita gente ficaria satisfeita de vêr os Inglezes enxotados da India: pois póde agora ficar alegre porque, se não é uma coisa infallivel, pelo menos tem muita probabilidade!

Por minha parte, não o creio. Estamos errados vendo na actual revolta um levantamento nacional. Ha certamente lá um partido nacionalista, mas não ha espirito nacional, porque não ha nação ou, antes ha cem, o que vem a dar no mesmo, e talvez igual numero de religiões, contando-se as seitas como differenças fundamentaes. Todos aquelles agrupamentos se detestam cordialmente, não tendo mesmo um sentimento commum, o odio ao Inglez, que lhes serviria de laço.

Por exemplo, em 1898, estava em Calcutá, então capital da India.

O anno e os annos precedentes tinham sido máus para a população: a miseria negra, aggravada com o desalmado imposto, tinha feito com que os desgraçados camponezes, cahidos sob o dominio dos usurarios, tivessem seus bens vendidos...

Foi nessa occasião que lord Curzon foi mandado como vice-rei, e a sua chegada foi uma homenagem rendida á Inglaterra. Da estação ao Gouvernment House (palacio do governo) as janellas e os telhados de todas as casas estavam guarnecidas com pannos e ricos tapetes; ruas e calçadas cobertas.

O QUE SE PASSA NA INDIA

Pedro o Eremita da India : — Um fakir fanatico que por sua montaria phantastica adquiriu fama sobrenatural. Elle cavalga como um furacão, rufando o tambor, chamando as tribus a expulsar os inglezes da India.

por uma enorme multidão entre a qual os lanceiros da escolta abriam passagem para o carro do lord, que avançava a passo. Foi um passeio triumphal no meio d'uma população respeitosa vinda de todos os pontos do paiz trazer a expressão da sua dedicação ao grande e poderoso senhor. Nem uma nota discordante, nem uma palavra de protesto naquella massa humana esmagada pelo soffrimento, mas incapaz de accusar seus orgulhosos senhores. Um tal povo póde libertar-se?

— Mas deve haver alguma coisa de mudado depois destes trinta annos, objectei, porque o levante de agora parece sério, tomou proporções...

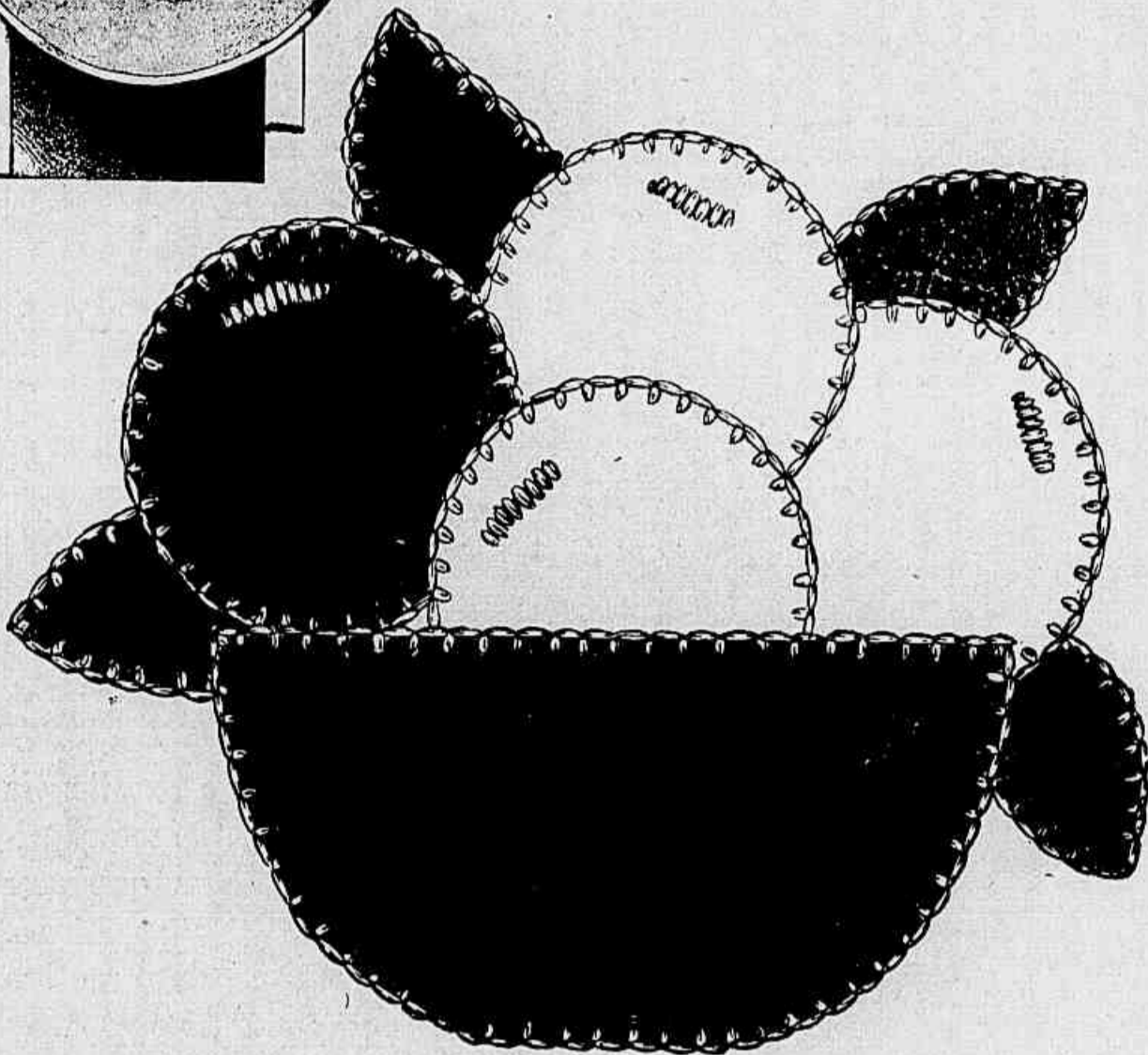
— Que proporções! Estava esperando por isso. Quantos são esses revoltosos? Com mil, duzentos, trezentos mil! Estou forçando o algarismo de proposito e qual é a população da India?

"Trezentos e quarenta milhões, quasi a população da Europa inteira, que se me não engano deve ser de trezentos e sessenta e dois milhões! Um partido só, partido poderoso dirigido por chefes dos quaes alguns são tão intelligentes como sinceros; mas ha outros menos sinceros que intelligentes, mas um partido apenas que não arrastará nunca o paiz.

Fiquei silencioso, mas não convencido: pensava que não são sempre, que não são mesmo nunca ou raramente as massas que fazem as revoluções, mas um partido emprehendedor, ousado, tendo um plano bem organizado, o atrapalharia antes que ajudaria ter que arrastar atrás de si uma enorme população. E esse partido a India o possue, e todos os membros combinando n'um ponto que é o de enxotar os Inglezes, com quem não querem acceitar nenhuma combinação por mais vantajosa que seja.

Reclamam a independencia total para um paiz que amam com orgulho, con-

1 — Vestido de setim brilhante, preto com grande pala de lamé.
2 — Toilette de crêpe Georgette beige muito claro, guarnecida com babados de renda do mesmo tom. Fita de velludo na cintura. *Echarpe* do mesmo tecido que o vestido.

Applicação para avental de creança

Todas as mães terão prazer de confeccionar este interessante avental para sua filhinha. Faz-se o avental de linho azul vivo debruado com linho ou antes *linon* amarello claro; em seguida applica-se a cesta de fructas.

As fructas são recortadas no linho violeta, amarello, côr de laranja e velho escuro, as folhas no tecido verde e a cesta no castanho.

Depois de alinhavadas sobre o avental, borda-se em volta com um ponto de festão feito com linha preta lavavel.

1 — Vestido de crêpe de Chine marron, guarnecido com tiras applicadas. Plastron e punhos de fustão branco.
2 — Vestido de seda de fantasia, cinto de pellica e collete de fustão branco.

siderando-o como o berço das mais altas civilizações. A questão não está em saber se arrastarão os outros, mas se estão bem fortes. E porque não?

O meu interlocutor respondeu com vehemencia:

— Mas onde está esse povo hindú? Entre os Dravidienses do sul, os Mongoes do norte, os Arabes do centro, os Radypoutes do oeste, os Bengalis de leste? Póde imaginal-os marchando sob a mesma bandeira, buddhistas e brahmanes, musulmanos e parsis, sikhs e djainns? Os radjahs tudo devem á Inglaterra e, mesmo reconhecimento á parte, todos têm interesse em ficar protegidos por ella. Os camponezes são completamente indifferentes quanto aos chefes que os governam; sabem hereditariamente que uma revolução é apenas uma mudança de proprietario e que a mudança não trará a menor vantagem para elles. Creia-me: a Inglaterra póde ficar tranquilla: aliás, não parece estar muito preoccupada com isso!

A conversa parou ahi, depois de ter sido considerado pessimista pelo meu interlocutor, por não ser da mesma opinião que elle. Naturalmente ha muita verdade nessa sua opinião sobre as raças da India. Não ignoro as divisões profundas que formam como um mosaico, um puzzle extremamente complicado. Mas mosaico ou puzzle, se a comparação é justa, podem receber unidade sob o dominio de mãos habeis.

E depois a apparente tranquillidade da Inglaterra será bem sincera? Ninguem duvida que com um exercito regular poria fim á rebeldia; mas todo o mundo está convencido tambem de que ella não se lançará n'uma nova guerra de Transvaal nem se arriscará a pôr o fogo em todo o Extremo-Oriente. Os revoltados sabem-n'o bem; é por essa razão que não acceitam nenhuma transacção."

A diplomacia ingleza é muito habil: com sua apparencia intransigente sabe ser ardilosa; é de esperar que acabará por encontrar uma bôa solução.

PENSAMENTOS

Amigo é uma palavra magnifica e que contém tudo pois que contém a ternura e a afeição.

❃

A mulher vive para o amor. As melhores e as peiores procuram a ternura no amor. Só não sentem assim algumas loucas...

HENRI DUVERNOIS

Casaquinho de tricot para creança de 3 a 8 mezes

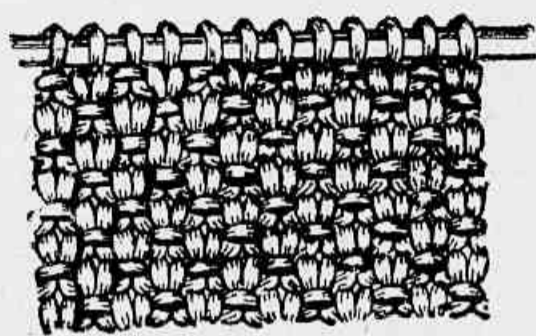



Fig. 1 — Ponto de arroz.

Fig. 3 — Ponto de meia, para o punho da manga.

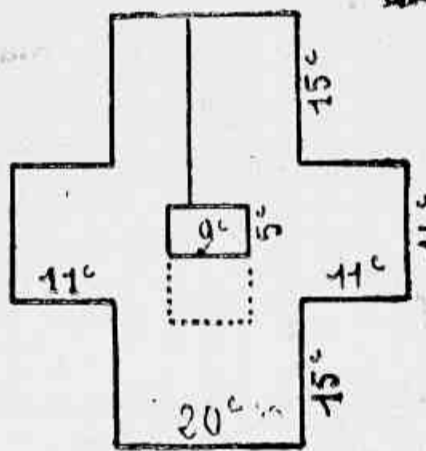



Fig. 4 — Molde do casaquinho.

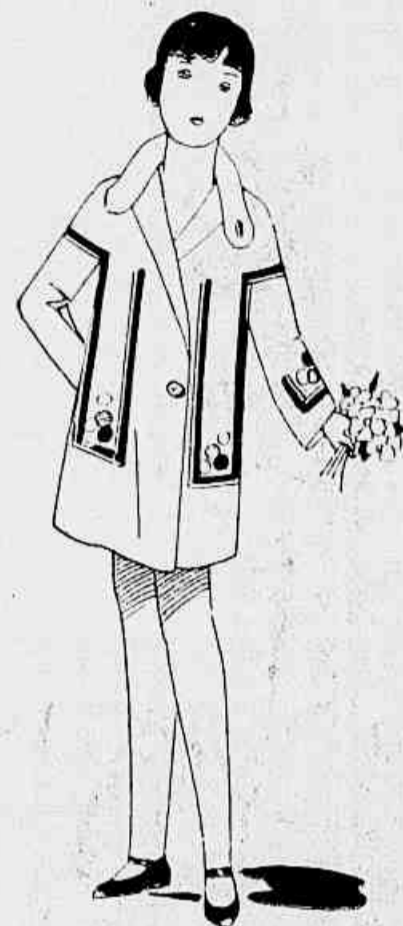
Fig. 2 — Ponto de *jersey* e a rendinha de *crochet*.

Para fazer este casaquinho são necessarias 50 grs. de lã de 5 ou 6 fios e agulhas de tricot de 12 millimetros de circumferencia.

Começa-se pela parte de baixo da frente, pondo-se 50 malhas na agulha; faz-se o ponto de arroz (fig. 1), uma malha do direito e a outra do avesso, sempre alternativamente durante 44 carreiras; contraria-se os pontos em cada carreira.

Durante as 6 carreiras seguintes trabalhar 14 malhas no ponto de arroz, 22 malhas no ponto de jersey (fig. 2) e 14 malhas no ponto de arroz. O ponto de jersey faz-se da seguinte maneira: na 1.ª carreira sempre as malhas do direito; 2.ª carreira, sempre as malhas do avesso. Repete-se sem cessar essas duas carreiras.

Faz-se assim o pequeno collete que guarnece a frente do casaquinho. Corta-se a lã no fim da carreira, põe-se 18 malhas na agulha, e trabalha-se as 50 malhas do casaquinho e põe-se mais 18 malhas na agulha, começando-se assim as mangas. Continua-se o trabalho sobre 86 malhas, executando sempre as 22 malhas no ponto de jersey do colletinho; fazem-se 15 carreiras. Depois trabalham-se sómente 32 malhas no ponto de arroz durante 16 carreiras. Põe-se na agulha 16 malhas para a golla na parte das costas, trabalha-se 15 carreiras sobre 48 malhas: fecham-se em seguida 18 malhas. A manga está terminada e tricotam-se as 30 malhas que restam durante 50 carreiras: terminam-se então a frente, mangas e um lado do casaco. Pega-se então o outro lado das costas, que é trabalhado da mesma maneira que o já feito.

A fig. 3 mostra como é feito o punho da manga. Guarnece o casaquinho todo em volta uma rendinha de crochet feita com seda ou lã que damos na fig. 2. O casaquinho não tem abotoadura; os dois lados das costas cruzam-se um sobre o outro e prende-se com o cinteiro. No meio do colletinho bordam-se umas bolas com seda para fingir botões.

Manteau de *charmelaine* azul pastel. O *empiècement* bordado a negro desce na frente e nas costas em longas bandas bordadas em baixo com bolas azues, brancas e negras.

Camisa de dormir — roupão. A frente, golla e punhos bordados com bolinhas a linha branca ou de côr.